

critor que por certo não é hoje menor do que ontem, deduzíamos, com ligeireza idêntica, que a obra de s. ex.^a era um capricho de ócios mal aproveitados, sem espirito de unidade, sem equilibrio, sem a linha severa de imparcialidade que fôrma os autênticos julgadores.

V. ex.^a não nos tomava na devida conta, encolheria os ombros, rindo de nós, convencido e muito bem, em face do dislate, da nossa incompetência em todas as matérias, sem excluir a das deduções. Encolheria os ombros, rir-se-ia, porque fôramos menos exactos, porque fôramos intolerantemente precipitados faltando ao critério das justas proporções das coisas, pretendendo descobrir no grão de areia a estrutura reduzida da montanha.

Esta tendência para a generalisação, para de um caso mínimo tirarmos a regra geral, é frequente, afinal, entre as criaturas. Ainda há dias um sujeito grave, com óculos e calva, me garantiu, a estrebuchar de raivas apopleticas, que os médicos de Lisboa, trezentos e tantos médicos, eram todos, indistintamente, umas « bótas ». Porquê? inquiri, assombrado. Porque um tal Silva, medico, morador numa casa de hospedes da Baixa, diagnosticara que o seu catarro era bronquite crónica. E não, o seu catarro era constipação, simplesmente constipação.

E em demasia v. ex.^a sabe que um seu colega nos sagrados enigmas da sciência psicológica, M. Moreau, de Tours, decretou a degenerescência de Juliano pelo facto de o imperador apóstata haver sido

acometido de uma forte alucinação nas vespéras de morrer — desespéro bem natural em quem se vê forçado, contra vontade, a reconhecer-se impotente para restituir Jupiter ao Olimpo. Até declarou Huet outro degenerado — por lhe ter morrido doida uma irmã. A propósito desta tendência para a generalisação dogmática, escreve Max-Nordau: « Sabemos que muitos atletas sofrem e morrem de hipertrofia do coração. E todos se ririam de mim, no entanto, se eu dissesse: « o atletismo é uma cardiopatia ».

Diz v. ex.^a a um terço, pouco mais ou menos, da sua resposta aos quesitos da *República*, e a respeito do messianismo da geração de 1860 a 1870: « Os daquela geração contavam consigo mesmos e, a pensarem em Messias, cada um no fôro íntimo se julgaria tal ». O julgar-se tal, cada um, no fôro íntimo, não traz obstáculo á marcha dos mundos e ao prazer inocente de todos nós, ao menos uma vez por ano, nos podermos desvanecer da categoria de Messias para uso interno. Cada um em sua casa está no direito de se considerar Messias ou Espírito Santo, sem incorrer na sanção da crítica ou do Código Penal.

O peor é haver muito quem se julgue tal fóra da sua casa, no fôro externo, nas suas relações com os outros sêres — que êles olham, sobranceiramente, com ares de senhores, deante da matulagem servil dos escravos. Esse é que é o nosso grande mal — mal, que v. ex.^a, assim o creio, deve reconhecer com a alma a sangrar dôr e confrangimento. E

como cada um dêses Messias, de maior ou menor vulto, não tolera a existência de outro Messias, pois que o segundo constituiria o Anticristo, a negação do primeiro, daí a hostilidade manifestada por aqueles que a si mesmos se arvoraram em eleitos, em privilegiados, contra os que porventura se suspeitem na disposição de ser igualmente eleitos e privilegiados. É frequente o vermo-los, quasi sempre velhos já, já tropegos e oxidados de reumatismo, a crivarem de zombarias e desdens os contemporâneos e, em especial, e incondicionalmente os novos, os que saem do presente para o futuro.

Messias aposentados, ao contrário do verdadeiro, do que na Judeia prégou o amôr e a simplicidade, a ternura pelos pequenos e a crença nas virtudes alheias, não conhecem senão o rancôr e arrogância, não vêem nos pequenos, nos que tenteiam os primeiros vôos na vida, mais do que frivolidade desprezível. No presente, como no futuro, não descortinam senão incertezas, sombras, esterilidade. Só o passado, de onde veem, e de que não são, tantas vezes, mais do que o símbolo vasio e inútil, merecem aos seus lábios palavras de louvôr.

Na sua incredulidade inamovível pelo esforço dos que começam, e que entendem dever « pôr a distância », reproduzem, ao natural, flagrantemente, a alegoria da concorrência pintada a luminosos traços pela pena aristocrática de Gautier — os que trepam até ao alto da ingreme ladeira em que está a conflagração, mal chegam acima, nem limpam o

suor que os alaga, nem tomam um sorvo de ar que os refaça da fadiga exhaustiva, para, o mais depressa possível, lançarem pedras sobre os que procuram subir a mesma escarpa.

Eu não contesto, Excelentissimo Senhor, a inferioridade da geração nova, ou *novíssima* — se resalvamos meia duzia de nomes, entre os quais se contam alguns dos colaboradores da *Aguia*. Mas essa inferioridade não é tão crassa que não mereça ser julgada a sério e documentadamente.

Demais, v. ex.^a, que é um homem habituado a mergulhar o espirito em profundos problemas, meditando por instantes no caso singular dessa inferioridade, desde logo reconhecerá que ella constitue o corolário fatal, a emergência lógica de um facto independente da vontade e do valor intellectual dos novos. Embora incapazes de tornarem realidade, por impossivel mesmo, a *blague* esotérica da renascença, *blague* que, além de outros merecimentos, teve o de agitar a pantanosa indiferença dos sinédrios escolares pelas « verduras dos rapazes », embora impotentes para aquella obra colossal, elles produziriam melhor, mais perfeito, se tivessem *meio*, se se encontrassem numa atmosfera favoravel ao seu desenvolvimento. O seu trabalho seleccionar-se-hia, pela convergência da paixão e da actividade estimuladas, se a êsse trabalho correspondesse a amovavel, a intelligente atenção do público — mais do que nunca dispersa pelos mil e mil capítulos em que hoje se desbobra a luta pela vida.

O que fazem v.^{as} ex.^{as}, os pedagogos, os mestres, os naturais educadores do *meio*, os instrumentos de purificação do ambiente intelectual? Onde estão os seus livros, as suas revistas, a luz cristalizada da ciência acumulada através de anos, e que da cristalização no livro e na revista irradia para o espírito popular?

Tenham paciência—v.^{as} ex.^{as}, mais do que ninguém, são os responsáveis da inferioridade que apontam e que condenam. Enquistaram em sábios, endeusaram-se em sábios—e, á semelhança dos quistos e dos deuses, tornaram-se inertes e misteriosamente impenetráveis.

Frios como o gêlo, conservam-se inquisitorialmente surdos á agonia da sua própria raça. Enceleiraram luzes que bastavam para a despertar, inundando-a de claridade; possuem tesouros que, franqueados á curiosidade das multidões, criariam um estado de consciência intelectual em que seria fácil e pujante a florescência das ideias e das emoções—e nem nos penetram de luz, nem nos franqueiam os seus tesouros de noções, de princípios, de leis e de verdades, mais fechados dentro do seu egoísmo do que os avarentos das lendas e das tragédias.

V. ex.^{as}, antes de condenarem a esterilidade alheia, devem renunciar á esterilidade própria, escrevendo, publicando, semeando de bons exemplos, de sãos estímulos, de flôres e de estrelas o caminho aberto aos passos incertos dos novos.

Não é justo que chamemos sáfaro, improdutivo ao terreno que temos á vista, sem sentirmos nas mãos a rijeza dos calos deixados pela rabiça do arado com que inutilmente o arroteámos, na aspiração de o vêr transformado no ouro milagroso das espigas maduras...—*Sousa Costa.*

Um artigo do snr. Aarão de Lacerda

O snr. Aarão de Lacerda é o director da revista literária Dionysos, que se publica em Coimbra.

Não só por esta qualidade, como ainda pelas coisas interessantes que escreveu, merece figurar entre a já extensa galeria dos que teem vindo para aclarar a situação literária de Portugal.

Que todos o fizessem com o mesmo intuito de esclarecer, acima de qualquer ressentimento ou malquerença, e nunca os nossos sobressaltos seriam tantos e tão grandes, por amor á causa que servimos.

Eis o artigo que o snr. Aarão de Lacerda nos enviou :

— As palavras desanimadoras e exageradamente pessimistas dos muitos que no seu inquérito teem deposto, obrigaram-me a vir dizer alguma coisa sobre o movimento literário português, sobre as tendências principais que nêle se revelam, embora ainda esboçadamente, originando acentuadas correntes estéticas de um alto valor para o critério que, como criador de valores, as há-de merecidamente caracterisar e descrever. A missão difficilima

que a este se impõe, exige um profundo culto á Belesa, um entranhado amor pela Arte: não deve ser o cientista a dissecar piamente, mas a creatura que sente pelo seu artista uma íntima afinidade espiritual, comungando com êle no mesmo culto.

O momento de reconstrução que atravessamos presentemente oferece inúmeras dificuldades de análise; necessário se torna conhecer bem essa *temperatura moral*, de que Taine nos falou, reflexo do estado geral dos espiritos e dos costumes.

Estamos num período de excessiva actividade, em que pertinazmente se luta, em que se defendem princípios e se combatem as mais variadas opiniões e nunca os *novos* se empenharam tanto num ressurgimento literário, esforçando-se de fazer nascer com energias que vinquem e levem mais fundo os traços característicos da nossa raça, com as suas tradições e lendas.

Desaparecida essa perigosa estagnação mental pela incisiva acção de um grupo de creaturas que alguma coisa queriam afirmar, *realizando*, começaram a surgir pouco a pouco, de se formar um ambiente mais propício para as actividades creadoras produzirem.

Não nos devemos restringir no estudo crítico da literatura á observação dos elementos propriamente nossos, temos de buscar mais longe o filão e assim teremos de caracterisar correntes de influencia também decisiva. Refiro-me, incidentemente,

á filosofia que hoje atravessa uma fase notavel, arrastando os espíritos na ância de se conhecerem: surgem conceitos sobre a vida despidos dêsse rígido positivismo que tanto prestigio exerceu sobre a maioria das consciências no século passado, e estes mesmos conceitos aparecem profundamente traduzidos em William James, Bergson, Euken, Boutroux e ainda outros.

Não posso referir-me, nem de leve, a cada um dêstes nomes, ante o exíguo espaço de que certamente disponho, mas com a sua citação eu apenas pretendi fundamentar a minha opinião: a poesia de hoje reflete bem a fase filosófica de que falei.

Não é de agora esta correspondencia, e se fôrmos, diz Lanson, estudar a psicologia de um heroe de Corneille, veremos a correlação que existe entre ela e a doutrina cartesiana e Tancrêde de Visan caracteriza a atmosphéra comum de que participam Flaubert, Leconte de Lisle, Coubert e Taine. *A uma dada tendência poética corresponde, ao mesmo tempo, uma tendência filosófica.*

O *bergsonismo* contém dentro de si as mais belas páginas de arte e lê-lo é sentir essa nevrose de quem procura desvendar um mistério; há, porém, um velário que nos oculta sempre a essência das coisas e o homom sente a tortura de saber o que sob êle vive e palpita: é a luta que o génio de Rodin plasticisou na estátua *Esfinge*, é a interiorisação que o mesmo génio traduziu no *Penseur*.

A poesia dá-nos estados de alma, exacerba a

ância de adivinhar o que dentro de nós existe, e o seu sentido é uma afinidade com o misticismo profético. O poeta vê o invisível e as suas criações nascem da consciência espontânea. A arte é a vida concentrada, diz Guyau, é um produto do que William James chamou o *subliminal self*, é o resultado do que os estetas alemães intitulam pela palavra, intraduzível para a nossa língua, *Einfühlung*, a plenitude do sentimento da intuição. É este o laço de simpatia que nos une ás coisas, é a projecção amorosa do nosso eu, é a sua identificação com o que se apercebe: é essencialmente o *Einfühlung* uma atitude estética. A poesia tem, pois, origem nessa segunda consciência, o *subconsciente*.

Falando agora da poesia em Portugal: encontro nela duas correntes bem distintas, uma acentuadamente filosófica com um conceito amplo da vida, a outra, não menos notavel, ligando-se acendradamente ao nosso povo, ás manifestações ingenuas da sua arte.

Teixeira de Pascoais filia-lo-ei na primeira: toda a sua obra é destacavel pelo cunho filosófico que a ela imprimiu. Será pouco sentida, isto é, compreendida pela maioria; apenas comungarão com ela limitado número de espíritos. A sua arte é a espiritualidade da fôrma.

Correia de Oliveira é antes uma transição da poesia filosófica para a lusitanista: assim as *Tentações de S. Frei Gil* e o *Auto das Quatro Estações*.

Manuel da Silva Gaio, Lopes Vieira, Augusto

Gil, Julio Brandão, serão a segunda corrente. Eugenio de Castro revela-se um artista preciosíssimo, cultor e estilista de lendas distantes: a *Belkiss* é uma obra de extraordinaria beleza, revivendo a graça plástica da antiguidade, com os seus requintados simbolismos.

Quero-vos ainda citar Jaime Cortezão e Augusto Casimiro, como pertencentes á primeira corrente, o primeiro com a *Morte da Aguia* e o segundo com a *Evocação da Vida*. Dentre os novos falarei em Afonso Duarte, António Monforte, Mário Beirão, Lebre e Lima, Eugénio Massa, João Amaral, José Monteiro Mota Guedes e outros. Das tendências literárias entre os prosadores, será difficil apontar correntes distintas, e como tal limitome a citar alguns nomes de vulto, como Silva Gaio, Teixeira Gomes, António Patricio, Vila Moura, Malheiro Dias, João Grave, Veiga Simões, Camara Reis, Antero de Figueiredo, Hipólito Raposo, etc., e dos novos Garcia Pulido, Ribeiro Lopes e alguns outros. Deixe-me tambem citar-lhe Virgilio Correia, que na arqueologia se tem destacado e na literatura, conjuntamente: os seus estudos de estética regionalista, publicados há bem pouco tempo, merecem indiscutivel menção.

No campo filosófico, mencionarei Leonardo Coimbra e não esqueço o seu nome por a sua tese, *O Criacionismo*, conter páginas de uma prosa colorida e vigorosa, em que traçou o esboço do seu sistema.

São bem raros os trabalhos especulativos entre nós!

Todos accusam a *Renascença Portuguesa*, mas a verdade é que, áparte os defeitos que lhe apontam, a sua acção é benéfica e salutar, isto sob o ponto de vista de despertar energias adormecidas: ao menos, quanto mais não fosse, levantou um combate de ideias, fez surgir inimigos. Ela quer renascer, ou antes rebuscar o que de mais íntimo há na alma portuguesa: realisará esta ambição? A ideia foi pelo menos lançada, daí o merecimento da iniciativa. — *Aarão de Lacerda.*

Um artigo e uma carta

O distinto official do exército, snr. Manuel António de Almeida, é um estudioso a quem os críticos não deram ainda quaisquer mostras de apreço. Éle trabalha obscuramente em todas as horas que a vida militar lhe deixa livres, sem se mostrar, sem se expôr ao mar dos elogios, que muito encoraja uns e perde muitos outros.

Todavia, o pequeno artigo que hoje publicamos é revelador de excellentes qualidades de escritor e de crítico.

O snr. Garcia Pulido é um assíduo e distinto colaborador da revista literária A Rajada. A carta que teve a gentileza de nos dirigir contém alguns reflexos da luz que procuramos fazer com o nosso inquérito.

Fala o snr. Manuel António de Almeida

Eis o artigo que o tenente snr. Manuel António de Almeida nos enviou :

— A tendência idealista na Arte, que hoje tanto se proclama, não é recente, nem peculiar a um país, nem limitada á poesia. É um movimento geral da

arte europeia que com altos e baixos, vicissitudes e fortuna vária, parecendo hoje terminado para amanhã reviver mais vigoroso, como a todos os ideais sucede, não tem conseguido até hoje tornar-se dominante, bem que venha impregnando mais ou menos toda a arte.

Expressar o inefável, as mais subtis relações da alma e do ambiente, expressar o eu profundo, a essência da Alma indizível e fluida, ou expressar a ideia integral, a ideia com o seu cortejo de imagens, de sensações, de sentimentos que lhe dão valor e perspectiva humana, tais são as ambições de certa arte moderna. Mas o seu principal caracter, aquelle a que todos os outros se podem reduzir, é o intento de expressar ou criar a *Aspiração*. E por *Aspiração* se entenda um anélo para alguma coisa de superior e vago, anélo inebriante, que tanto póde ter uma feição suave e dolente, como a nostalgia de um sonho, ou ser forte, entusiasta, exultante como uma chama de heroismo.

É uma arte mística, sim (se misticismo é a convergência de todas as energias anímicas em tórno de um objecto), porém, não só do misticismo quieto e doce dos contemplativos, mas do misticismo, também, ardente e combativo dos apóstolos. É até esta fôrma exaltante que os poetas modernos na maioria preferem. *De todo o teu ser aspira a tudo ser! eis o lêma. A fé ou estado lírico é o estado de alma dos herois.* E cantam a alegria, a vida natural, a vida enérgica, a luta, a esperança na vitória.

A sua sensibilidade é optimista; não que lancem sobre as realidades dolorosas um véu de ilusão, mas porque as encaram de frente e as amam como motivos para lutar e para vencer. O misticismo moderno é um largo manancial de acção fecunda e bela.

Não só a poesia, disse, mas toda a arte exprime a aspiração. A estatuária, onde apenas os elementos expressivos emergem do bloco; a pintura onde as fórmulas se perdem na sombra, como já fazia Rembrandt, ou se diluem na luz, como já fazia Turner; a arquitectura e o mobiliário assimétricos, a melodia sem fim e os acordes fluidos, tudo produz no espírito o desejo, a inquietação, a ansiedade de adivinhar, de fixar, de completar, tudo exprime ou procura criar a Aspiração.

Tais são as propriedades de uma tendência que, como se vê, não é recente, e que tendo reagido contra o classicismo e, mais tarde, contra o naturalismo, sofre ela própria actualmente os fortes embates de uma reacção neo-clássica. Combalida pela deficiência técnica de muitos dos seus prosélitos, pela consciência de fórmulas de misticismo patológicas ou extravagantes, pela aliança de metafísicas mal seguras, e sobretudo por defecções de individualidades ilustres em que a educação e o atavismo deixaram o vinco clássico, vai, não obstante, fazendo seu caminho, impregnando toda a arte, até as obras dos seus próprios adversários.

É que ela tem como condição o sentimento re-

ligioso, (no seu sentido mais amplo) raiz da alma humana, e na sua exteriorização plástica não exprime senão o fito da Arte de se tornar cada vez mais sugestiva, e, portanto, mais sintética. E talvez de todas estas reacções surja amanhã o ponto de equilíbrio, não de certo definitivo, mas duravel, que se poderá quiçá definir: *uma representação nítida em torno da qual paira um nimbo de coisas evocadas.*

Nos meandros subtis da Arte, Apólo e Dionisos virão mais uma vez a encontrar-se? — *M. António de Almeida.*

Fala o snr. Garcia Pulido

Snr. Redactor:—Tentou V., por meio do inquérito á vida intelectual do país, apurar qualquer coisa de positivo, focando os principais aspectos do moderno movimento literário, definindo correntes e extremando campos. Para conseguir êste fim, necessárias se tornavam ponderação e lizura da parte de todos, entrando cada qual na discussão sem aze-dumes e ejaculações verdoengas de bilis.

Um mez volvido, vejo que o inquérito quasi fálhou, amarfanhado entre o estrondoso farfalhar de aleivosias e marafamentos de insultos. Té á data, apurou-se que Pascoais, na opinião de Julio Brandão, é uma bexiga de porco, e que Julio Brandão, no dizer de Pascoais, é um ressurgimento de João Brandão, de canêta em punho.

Na realidade, aproveitar-se-ia alguma coisa desta

luminosa conclusão havida, se, ao menos, tivesse o dom de chocar violentamente o temperamento parrâna dêste povo raquítico, simples esqueleto chuveado de carne, carateando pelos séculos afóra em saracoteios de Tarleton e desengoçamentos de palhaço. De tudo o que está dito tiro três conclusões:

- 1.^a—a inconsciência dos velhos;
- 2.^a—a incompetência dos novos para uma discussão séria;
- 3.^a—a inutilidade da discussão entre velhos e novos.

Vamos aos comentários:

1.^o—Quasi todos êsses velhos que hoje surgem da penumbra e proféticamente pretendem caturrar de cátedra, foram, a dentro da valente geração passada, morrões de azeite, soltando apenas efêmeras cuspinhações de luz polvilhadas de intermitências umbrosas. Todos os homens de ciência, talvez, armazenadores de filosofias e carunchosas descobertas arqueológicas, tendo tanto de artistas e de temperamento emotivo como o diabo tem de santidade, êsses homens nunca viram nas maiores páginas do seu tempo mais do que a disposição gramatical da frase. E sarrabulhando no convívio dos cafés, coroaram de loiros aqueles que empregavam, com propriedade, um ou outro vocábulo. Volvida meia duzia de lustros, veem êsses homens apreciar o labor artístico de uma geração saída do berço, quando êles entram no túmulo. E entregam a atirar

juízos, com uma ousadia de principiantes, confessando publicamente que desconhecem a maioria das publicações saídas nos últimos tempos.

Quem desconhece o assunto não deve discutir... não acham?... Grita um, olhando a França, que se vê na grande Pátria do Genio Anatole... Ora valha-nos Deus e que a Virgem dê aos novos paciência para aturarem os velhos!... Dão a entender que a geração vai por mau caminho, porque (não rebentem de riso) porque... é muito individualista... muito pessoal! Que é a arte, de uma maneira geral, desde Beethoven para cá?

O artista divorciou-se da multidão e o individualismo campeou de uma maneira estranha. O individualismo é, como todas as correntes literárias, a resultante de uma multidão de causas sociológicas. Enquanto existirem as causas, os efeitos continuam. Há por aí livrinhos baratos e interessantes aonde se trata o assunto com precisão e clareza...

Acusam ainda os novos de falta de unidade e orientação. Mas a arte moderna é essencialmente anárquica; cada um concentrado no seu sonho tenta vibrar emoções inéditas seguindo inéditos processos.

Não encontro nos artigos publicados qualquer argumento mais, que mereça resposta. O resto, ironias de velhotes brejeiros e divertidos, exceptuando um ou outro que por não ter graça recorreu á transcrição de frases espirituosas atiradas por autores que tiveram espírito quando Deus andou pelo mundo.

E as lusas gentes pasmadas admiraram então a aliança religiosamente harmonica do pensar de Aca-cio com o *imenso talento* de Pacheco. O espaço que lhes sobejou gastaram-no a troçar da *Renascença*, atirando com a responsabilidade das profecias do snr. Pessôa para cima duma geração inteira, que nada tem com o super-Camões e que se importa tanto da *Renascença*, como eu me importo com a dôr de calos que atormenta o meu visinho, um diabo gastrálgico de cabelos nos ouvidos. A associação portuense é na verdade ridícula quando, a fortes arrotos de burguês bem jantado, iutenta renovar as lêtras esplendorosamente. Mas quando *A Aguia* se limita ao almejo de congregar esforços e energias aproveitáveis, tentando canalisar aspirações convergentes e estimular vontades adormecidas têmos de lhe reconhecer todos os direitos de vida, vendo nela, como em qualquer publicação semelhante, a beleza de uma iniciativa grande.

2.º— Para provar a incompetência dos novos basta vêr que raríssimos responderam a uma pergunta do inquérito. Quasi todos fugiram artificialmente e poucos, cheios de desassombro, aguentaram com ponderação os *botes* que lhes atiraram. Valeram-se do insulto... claro indício de fraquêsia. Ora, para levar de cambalhotada pela riba da inconsciência esses sábios aposentados, não era preciso tanto.

A argumentação que traziam ovantemente cerrada na malêta, esfarinhada pelo dente daninho

dos tempos, levantou leve nuvem de pó, que sómente provocou um ou outro espirro passageiro.

3.º — A evidência conclusiva da terceira afirmação resulta, conseqüentemente, da demonstração das duas primeiras.

É necessário, porém, a troco de tudo patentear bem claramente o campo lastimoso em que caíram os velhos, o descalabro das suas afirmações, a injustiça dos seus arreganhos irónicos.

Fiquem nostalgicamente caturrando saúdades no ajujamento de gatas borralheiras ao canto da chaminé e limitem-se a fitar, com lágrimas nos olhos, as novas falanges que vão de longada para o país do ineditismo, sedentas de luz e ar puro. — Coimbra — Outubro, 1912. — *Garcia Pulido*. — Colaborador de *A Rajada*.

Uma carta

O snr. Ribeiro Coelho, que apesar da sua profissão de tipógrafo, estuda e pratica a nossa literatura, fax-nos agora vêr a questão literária sob o aspecto geral do Modernismo.

É claro que não louvamos nem condenamos. A crítica virá depois. Sómente não podíamos deixar de publicar esta carta, como documento que mais tarde se apreciará ácerca do nosso actual momento literário.

Áparte a religião e a politica do snr. Ribeiro Coelho — aliás inofensiva e merecedora de respeito, pelo seu tom de convicção — a sua carta, fosse embora uma heresia, tinha o direito á publicidade de todas que aqui se teem estampado.

Fala, pois, o snr. Ribeiro Coelho.

Snr. Boavida Portugal: — Permita V. que um rapaz venha na *República* dizer duas palavras, que se lhe afiguram justas, ácerca do actual movimento literário da nossa pátria. Não sou habitual leitor da *República*, porque o pouco tempo que me deixam livre os meus trabalhos de tipógrafo e de escritor, costumo dedicá-lo ao estudo de obras mais

reflectidas que a leitura dos diários tão communmente frívola. Demais... sou ardentemente católico e acho, como achava S. Bernardo, insípidos todos os escritos em que não leio o nome adoravel de Jesus. A *República* não lhe encontra esse dulçor; lamenta-a por isso.

Tambem nos distanciam persuasões politicas. A *República* consubstancia, como indica seu nome, a República, e eu, que antes do dia 5 de outubro me confessei sempre ardente democrata, após a proclamação da nova fórma governativa, emigrei... publicamente aderi, e disso me não pesa, ao programa que julgo altamente democrático, do partido legitimista. São modos diferentes de vêr a democracia...

Separam-me, pois, da *República* divergências grandes, mas menos o amor á pátria Portuguesa, amor que sinto estuante e vivo, e que julgo tambem sentirá comigo essa redacção, illustre por tantos títulos. Se com todos os redactores me une este amor, com o sr. Boavida Portugal sinto outro laço de união: o amor á mais bela das artes e primordial sciência: a *literatura*.

Porque o demonstra evidentemente a bela ideia do seu inquérito: o sr. Boavida Portugal ama a nossa melodiosa e bela lingua, tão maltratada hoje... Venho falar sobre o assunto que a *República* tem versado, mas não me adiantarei.

Não segui, pelas razões aduzidas, o inquérito, mas não desespero ainda de o coleccionar. O que

tenho visto, porém, é o bastante para me confirmar em opiniões que já preconcebera.

A obra da chamada «Renascença Portuguesa» parece-me tão falha de ideias e critério como palavrosa e imodesta; tão retumbante como estrepitosa catadupa, é ela; mas tão vazia como bola de espuma que se desfaz nos ares ao sopro da mais leve aragem. O sr. Boavida Portugal sabe perfeitamente que é a filosofia a fonte de todos os conhecimentos humanos, mas que na actual literatura portuguesa de balde se procurará um traço rapido e fugitivo de filosofia.

A que é que veem dando o nome convencional de «Renascença Portuguesa» os seus apaniguados?—A um conglomerado de Arte, Raça, Saudosismo, Arias e Semitas, tudo escrito com iniciais maiúsculas, á germanica. Eu tenho lido artigos dos seus corifeus que, borboleteando como mariposas em volta de uma rosa, ao redor de uma palavra, veem por fim a nada dizer. Isto é o mais trivial, (ia a dizer o mais *ordinario*, mas tenho medo), porque é frequentissimo que depois de muito disre-tear e aduzir grande cópia de frases, não avançasse uma sílaba a discussão encetada.

Lamentavelmente vazia de ideias é a retumbante fraseologia modernista, pois aquella corrente literária crismada pelos seus adláteres com o pomposo nome de «Renascença Portuguesa», já tem sido no estrangeiro descrita e combatida sob a denominação justíssima de «Modernista». Justíssima, digo, por-

que tem todos os caracteres do sistema a que se convencionou chamar, por própria confissão, aliás, sistema modernista.

Como V., snr. Boavida Portugal, não ignora, o Modernismo é muito complexo. Depois de cometer cá dentro dos arraiais católicos diabruras inqualificáveis, condenou-o o Papa. Na memorável encíclica *Pascendi*, que lançou sobre êle o ferrete ignominioso do anátema, Pio X manifestava a concordância que unia os vários ramos das sciências e das letras, como da religião modernísticas. O Papa viu bem, com a perspicácia que (falando humanamente e prescindindo do character divino que na Igreja reconhecemos nós os católicos) era de supôr, sabendo-se a illustração da romana curia. Depois da *Pascendi*, estudando eu o Modernismo nas suas variadíssimas manifestações, pareceu-me que podia expressá-lo a mim mesmo por esta definição: — Sistema que desprezando todas as regras, estabelece como única a sua supremacia e independencia. V. dirá se, tratando-se dos modernistas da pseudo-«Renascença», é justa a observação.

Para isso basta ler, e de relance, qualquer trecho, tomado ao acaso, dos tais reformadores da nossa literatura. Se lhes fôrmos dar crédito, só êles são literatos; só êles são sábios; só êles escrevem bem; só êles são... aryas! E nós, os que procurámos dar á lingua a melodiosa inflexão dos prosadores como Fr. Luís de Souza, Bernardes, Castilho e tantos outros, sômos uns pobres papalvos, estu-

dos, que não percebemos patavina de... Raças! Isto é de mais, snr. Boavida Portugal, isto é de mais!

Versos sem metro nem acentuação não são versos

A poesia, essa divina filha do entendimento humano, não fica melhor tratada quando cai sob a alçada dos *renascentistas*, ou, para dizer mais propriamente, «modernistas». *Nos leges habemus*, leis de ritmo, e de medida, de rima, e de metro. Mas... vão com essas aos modernistas!...

Eu tenho lido algumas tiradas de versos modernistas. Santo Deus! que horror! Versos sem seguirem os cânones literários da colecção dos acentos, alternados de diferentes medidas, serão tudo o que quizerem mas não são versos. Para escrever assim, mais valia a pena poupar papel e escrever tudo a seguir!...

E, apesar de ser tão grave o defeito, ainda, a meu ver, outro maior se encontra ali. Refiro-me á impropriedade dos vocábulos. É facil encontrar na poesia modernista enfileirados termos que muito se admiram por se verem juntos. Esta impropriedade é, para mim, maior defeito que todos os apontados. Não cito exemplos, nem citarei aqui jámais nenhum, nem nomes dos corifeus... das *aguias*!... porque verberando a corrente que macúla a nossa bela literatura, nada me importa com a personalidade dos que seguem tal corrente.

E por essa razão não faço as considerações que logicamente faria, atendendo ás protestações de religiosidade, e porventura de cristianismo, que teem subscrito alguns dos poetas da nossa idade, filiados na pseudo-renascença, de que vimos falando, ou evados do seu espirito modernista. Não! o sentimentalismo dominante em certos escritores, mesmo que se revista acidentalmente com o disfarce religioso, não é cristianismo, nem muito menos catolicismo. O sentimento católico póde inspirar verdadeira poesia, delicada e mimosa, mas o catolicismo não deixa por isso de ser, mais essencialmente, uma religião filosófica, isto é, uma religião que tem bases e fundamentos scientificos e que aceita sem pavor a discussão.

Inépcia memoravel é portanto pretender amalgamar o que nenhuma afinidade química nem fisica póde ter jámais. Conglobar, num só todo, a Virgem Maria e a deusa ciprina, só lembraria aos cérebros esquentados das *águias*, se não fosse tal impossivel a representação justa e verdadeira da orientação modernistica, cheia de incoerências.

A literatura não é vaidosa, nem cai na estultícia orgulhosa de se pretender impôr como única dominadora, profetizando que remodelará por completo a Sciência, a Religião e não sei que mais, criando tudo novo. Essa promessa é feita em todos os tons pelos modernistas da « Renascença Portuguesa », essa incompetência entronizada que julga impôr-se

a tudo e a todos como a rã, inchada com o vento, julgava ter atingido a corpulência do boi.

*

Falando dest'arte, julgarão talvez alguns que descreio completamente da ressurreição da literatura portuguesa. Não é assim, nem v. o suporá, snr. Boavida Portugal, pois certamente opinará comigo, que é não só possível, mas até fácil, e que se dará indubitavelmente, logo que se compreenda, com toda a nitidês, que a orientação tomada pelos literatos do modernismo, a nada, que estavel e belo seja, póde conduzir.

Em Portugal há ainda escritores que procuram manejar com elegância o rico idioma nacional, e verter em moldes clássicos um pensamento alevantado e nobre. Honra lhes seja! A lingua, esse mimoso dom do Creador, é nobre e grandiosa, e nós, os portugueses, temos a vantagem de falar aquella que tem de todas as linguas o melhor, no expressivo dizer de F. Rodrigues Lobo. Para que na actualidade se criem as obras literárias que dignificam um homem e ilustram um país, não é necessário excogitar paradoxos nem prostituir o idioma com forçadas e incoerêntes acepções dos termos. Escrever sensata e portuguêsmente, deve ser o primeiro requisito a exigir nas obras literárias.

Quanto á poesia, tem ela cánones fundamentaes, que bem merecem um pouco mais de atenção.

Atender ao metro e á rima, é próprio dessa forma literária, porque, ainda ninguem foi capaz de convencer-me de que seja verdadeira poesia aquella composição que se liberta das aureas cadeias da rima e da medida. Nos nossos tempos escreveram belos versos João de Lemos e João de Deus, Camilo e Tomás Ribeiro, Soares de Passos, Xavier de Novais e outros, para só falar dos falecidos. Dos que ainda existem, alguns há que dedicam a estas obrigações da poesia o seu cuidado atencioso. Façam assim os que desejam escrever bem, e tello-hão conseguido.

Ao chegar aqui, parece-me ver levantar-se em resolute vôo a bandada das *águias* e vir exigir-me uma reparação, porquanto, recordando os cânones literários que elas aborrecem, deixo obumbrada a *ideia* (a *Ideia!*) que, por a não possuírem, apregoam a cada passo.

A *ideia*, (o tal *saudosismo*, talvez), é tudo para elles. Seja-o muito embora; trinem endechas á saudade, ou á raça, ao semita, ou ao arya; julguem muito embora ter realizado a visão dos tempos passados e por vir; levem a sua audácia á culminância de se julgarem o Petronio dos nossos tempos — *arbiter elegantiarum* — e o Homero dos futuros — *musarum pater et poetarum rex*; a imodéstia com que tais se apregoam, o **EU** maiusculo guinde-os ás esferas superiores do Parnaso que julgaram criar, e apesar de ser o que é — a vacuidade

científica do seu sistema literário — gosem a ilusão de ser cheia de ideias a sua fraseologia mas... — pela «Renascença!» façam-no em bom portugûês, no lindo idioma em que escreveram Barros e Garrett! — *José Constantino Ribeiro Coelho.*

Um artigo

O Snr. dr. Rita Martins, moço escritor que há menses se estreiou com um belo livro de contos intitulado Quadros vivos, vem hoje contar-nos as suas impressões a propósito do nosso inquérito, naquelle estilo nervoso e desapiedado seu muito característico.

O seu artigo tem a virtude de vir ampliar a documentação do assunto que a outros pedi que esclarecessem e valorizassem com a auréola dos seus nomes.

Mas é preciso mostrar os menos conhecidos.

Sr. Redactor—Quiz v. dar balanço á intellectualidade indígena, poer em coronica os quarenta maiores contribuintes cá da terra e, sob a fórma de Inquérito á vida literária, acendeu a candeia de Diógenes.

Fez v. muito bem!

Com efeito, para se medir a faisca nacional nada melhor que ouvirmos a própria voz dos nossos grandes homens, dos dirigentes da nossa Vida, representantes doirados do nosso pensamento...

Fazê-los sair do negócio da sua reputação; obrigá-los a despir o preservativo do seu prudente

isolamento — crisálida engrandecedora da maioria dos nossos célebres; permitir-lhes que, a que-
rerem espremer-se em ideias, arranhem o próximo — para falarem de si e deixarem as entrelinhas da sua Obra e do seu talento de homens-grandes; deixá-los vir, lamurientos e sem vergonha, a pedir, por favôr, que os tomem a sério, estendendo á luz da publicidade o brilho baço da goma-arábica que lhes péga as postizas penas de pavão (quando não teimam no silêncio, na lisonja ou na banalidade) — é fornecer-lhes o dinamómetro que lhes há-de classificar a pedantice, perante a magistratura dos beleguins do mesmo officio.



A literatura nacional!

Nós sabemos, snr. redactor, que ela vai decadente, como a raça que traduz... Mas, creio eu, não será pontificando prognósticos fatais com as terapeuticas das doenças incuráveis, que o mal há-de sarar.

Temos a mansa languidês de quem nasceu ao sol... E como não há-de a ala dos namorados *das* nossas resnascenças ser de gente de mais ou menos capa ou espada? Como não há-de preferir ao triunfo da luta, que fortifica e faz bem, a volúpia do sonho que a terra e o clima provocam?

Para que hão-de os descendentes de conquista-

dores e dos cantores de epopeias gloriosas, dos homens dos *mares nunca dantes navegados* esquecer as tradições e as especiarias da India e a pata férrea de Afonso, o Albuquerque?

E, na fermentação das raças, tudo derivou para a poesia de alma, mística e estrambótica, espiritualizante...—com ocasos doirados na retina, esperanças imaginosas no miôlo, melancólica saudade no *doce* miocardio—e, oh incoerências humanas!—no estômago apenas convicções balôfas de burocratas incompetentes! (Vide o «Anuário Comercial» e os catálogos das livrarias).

E o *Terreiro do Paço* aparece como única «Boa Esperança» da Nova Geração!...



Entre as variadas fôrmas de vida facil, além da politica (na sua fase parasitante) ha as casas de penhores e tambem a rendosa profissão da cosmopolita má lingua. Uma catilinaria pastelão, com selecções de coleccionador, ainda entre nós rende bom juro: e, ás vezes, o critico para conseguir representar o tal proximo...—basta analisar-se.

Mas eu não fujo á santa verdade confessando aqui, que, depois de Fialho, do Eça, me parece que em Portugal—uns querem ser Eça:—e arre-medam-no, como se a sensibilidade ou a ironia não nascessem e se comprassem ou conseguissem com

a mesma dificuldade com que arranjam empenhos ou editores; e estes macacoides em vez de rirem do proximo, fazem-no rir; e a quererem criar, apenas fazem caretas, a custo conseguem esgares.

Outros, o maior número, uma praga, atrelaram-se ao *deuso* Fialho: mastigaram-no, enguliram-lhe a prosa—adubaram-se. Mas sem a sensibilidade nele excepção, imitam-lhe o arrevesado e poliglótico vocabulário—falsificam-no: e estes paleographos manhosos, bricabraquistas de linguas em fermentação, a quererem tosquiar ideias fabricam e amontoam néo-palavrões, em picados que é preciso dissecar e que nem eles proprios talvez traduzam... E com furias de onagro e harmonias de *Zé-Pereira* fardado fazem arreatas de periodos legua da Povoá, alcantilados e indigestos, eriçados como ramalhudos galhos de veado...

Isto quando não preferem, de caminho, inventar uma Escola fossil de prosa manhosa, saracoteante, pintada e mole, sem vida, sem sangue e sem nervo...—mineral. Ou criar, em charadas piégas, vernaculismos, logares comuns, preguiçosos e incolores, *Obra* obsoleta que marque nos atalhos da Critica pedralascada...

Os macacos!

Hoje, ainda, como se houvesse escolas. Não, não ha seitas: ha temperamentos unidos por afinidades e simpatias, partidos naturalmente opostos: e são essas classes que, em arranjos infinitos, subdividem a sensibilidade humana, que, afinal, como

a velha Natura, não dá saltos, mas cujos extremos cada vez mais e mais refinam. O resto são *clagues* que morrem com os donos.

*

* •

Eu bem sei que a arte não usa freio. Nem se gasta a passear nos macadames da moda. Não se sacrifique, pois, nem se torça á educação e aos axiomas sadios da sociologia. Mas auxiliem-se no combate e na propaganda das teses uteis.

E são precisos outros simbolos : a saudade, directa ou indirectamente, é um sentimento melancólico.

Que a luta seja a base do nosso Futuro. E nós venceremos nas selecções da Vida.

Bem pezemos as realidades filhas do Acaso, determinadas pela dinâmica da vontade, cuja merecida apoteóse deve substituir-se ao ignorante fatalismo dos impotentes.

E apareça a moral da vida no grandioso scenario da Natureza. A expontaneidade dos grandes exemplos, a força dos triunfos, o sentimento das comoções benfazejas e das glorificações merecidas. E a lição bela e proveitosa das parabolias morali-zantes.

* •

Filhos do meio, como a vegetação, as manifes-

tações da nossa vida correspondem-lhe. É sabido que os povos teem os representantes que merecem. Tivémos todavia fortes e grandes homens—e creio que alguns deve ainda haver... mas—bem sabemos!—caidas na paz das sombras essas águias que torceram a sua terra e a puxaram e lhe emprestaram a sua vida e a energia da sua acção—o meio volta atraz, como mola teimosa...

Só nos mexemos quando nos picam. E só queremos viver quando nos sufocam!

Já lá vai o tempo das novelas em que o português Camilo castigou a antiga linguagem dos cronicons... Já lá vai o tempo de Eça, o consul cosmopolita e irónico: e ninguém com tais e tão leves tintas fará melhor. E morreu outro dia Fialho, o condenado hipersensível: começára a vida no martirio do *Altinho* e acabou na acanhante província, quasi na lavoura, a aliviar-se dos *trunfos* na benevolência de um testamento liberal, e a desabafar só lá para fóra, atravez os oceanos...

Rolam avalanches de ignorancia, travadas por erudições postiças e homenagens mutuas. E as patologias socio-sexuais, contra indicadas no nervosismo de hoje, guiam os que as comprehendem ou traduzem.

E subido o pano, aparece a banalidade nacional a laurear a incompetência dos diplomas e do compadrio: e parece morreremos a fazer chorar...

E eu lembro-me de Tourgueff e da estepe; e das ruinas das nossas esperanças que sempre e cada

vez mais alimentam os turbilhões infinitos do fumo da nossa vida... Fumo! Fumo?!

*

* *

Mas...

Se nós não temos mercado literário! Se tudo está invadido pela indiferença, pela banalidade, e pelo estrangeiro—sob todas as fórmulas e mais a do plagiato! Se o país, analfabeto, canta e se diverte e infelizmente bebe. Se os nossos literatos—á parte meia dúzia de ídolos de encomenda a viverem da reputação e do anúncio—quasi só servem para distrair o próximo e deixar que a estúpida burguezia os troce e governe a encolher os ombros,—sim, para que hemos nós também sorrir?

Em Portugal ainda temos gente de nervo, que sente e vê bem. As artes germinam, e quando os artistas não emigram, prometem vida e querem dar flôr.

Nuvens de poetas doirados como o nosso sol puxam o sentimento e vivem das claridades luanrentas, a olhar para o ar... E nós vemos que há portuguezes cheios de esperança que parece sincera que lançam ideias e lutam e trabalham...

Para que desfazer as suas tentativas quando honestas?

Para os justicçosos pecadores lapidarem? Para

fazermos toda a gente civica? Para abafarmos a vida e a concorrência? Para, esmagando tudo, esterilizarmos o meio numa pretendida ância de amôr á grande Vida, á Patria ou á Verdade?...—*Rita Martins.*

Mais um artigo

Desnecessário seria apresentar de novo o autor do presente artigo, o distinto official do exército snr. Manuel António de Almeida. Bem marcado deixou êle o seu nome da primeira vez que interveio no nosso inquérito, nos poucos períodos que nos enviou.

Se então recebemos felicitações, o artigo de hoje não agradará menos.

Eis o artigo que o tenente snr. Manuel António de Almeida nos enviou e nós gostosamente publicamos:

— O snr. Ribeiro Coelho veio anatematizar as tendências da Arte, apodando-as de modernistas. Como o asserto poderá lançar a confusão nos espiritos timoratos, e, tambem, pelo interesse que o snr. Ribeiro Coelho merece pelo seu ardor patriótico, pelo seu nobre amor pela Arte e pela hombridade da sua confissão religiosa, eu venho pela parte que me toca esclarecer a minha ideia.

O que a igreja catolica, eu julgo, condena sob a denominação modernista é o que, seguindo autorisados críticos, designei por *aspiração*; porém, tão sómente quando seja considerada como origem ou

fórma do conhecimento — em especial do conhecimento das coisas supersensíveis. Não se trata, porém, neste caso da Arte, de aspiração fórma de conhecimento, mas de aspiração fórma de sensibilidade.

Um católico poderá deleitar-se com a musica de Wagner ou de Debussy: o que lhe não será lícito é constituir, com as ideias sugeridas pela sensibilidade, uma metafísica pessoal.

Que a aspiração é um facto no domínio do espirito ninguem o póde contestar; não permitir que a Arte a exprima é delimitar-lhe arbitrariamente o âmbito, mas supôr que ela própria seja revelação, sciencia, verdade, ou de que modo ou em qual grau o seja, eis o que resta discutir.

Os artistas que seguem esta tendência é verdade que com frequência apelam para Bergson e outros; porém, é aquele apêlo motivado antes por encontrarem em Bergson uma sensibilidade irmã e fortes sugestões para a Arte porque na verdade lhe admitem totalmente as asserções — escolha aliás facil numa obra que não constitue, por essencia, um compacto sistema, logicamente cimentado. Tambem, seja, alguns teem achado relação entre esta feição artística e certas atitudes espiritas, oculistas, etc. Isto simplesmente porque entre umas e outras há êste ponto de contacto: o *misterioso*. Mas, na verdade, asseguro que para ser grande artista moderno não é essencial ser alquimista ou magico. E tambem, da mesma fórma, nos poderemos

entregar á mais dionisiaca exaltação, sem por êsse motivo nos crêmos iluminados, videntes ou profetas.

É certo que o ideal da realização artistica, tal como o defini—*uma ideia nitida, em torno da qual paira um nimbo evocador*, — semelha, em muito, a visão intuitiva. Porém, admitir a intuição como fórmula de receptividade artistica não é, necessariamente, admiti-la como origem única, definitiva do conhecimento. Que não é ela sob esta feição de todo para desdenhar. A intuição é como os olhos, e a razão é como o tacto que rectifica os julgamentos da vista mais amplamente investigadora, mais capaz de orientação.

Porém, para tudo que estiver longe, e nos não seja revelado por alguém que de lá venha, que remédio senão confiarmos no juizo dos olhos que, contudo, não há duvida, nos pódem iludir? Mas estas correlações entre arte e filosofia são ás vezes um pouco artificiais. Não se poderá apreciar toda a obra de Wagner e ignorar Schopenhauer? Aí temos o naturalismo que parece com evidência aliado do positivismo. Todavia, vê-se o naturalismo acamaradar cómodamente com o mais nevoento ou o mais exaltado misticismo. Não são essas duas tendências que sintetisam a alma flamenga, e tambem a alma espanhola? Não sabemos nós hoje que os grandes místicos eram maravilhosos na acção, pujantes organisadores, com um sentimento profundo das realidades terrestres? Não são elas que se ma-

nifestam no drama ibseniano, não numa sequência evolutiva, mas alternadas e confundidas? E aí está Verhaeren que, numa página, celebra a truculência de um presunto e na seguinte a suavidade de um claustro, e isto em versos faceis e admiraveis, como se ambos os estados lhe fossem igualmente naturais. Portanto, sentir liricamente e pensar friamente nada teem de incompatível. A exaltação lúcida será até o estado de alma próprio do herói moderno.

Na realidade, esta Arte pôde criar a fé, mas uma fé puramente humana—um impulso á actividade desinteressada até ao sacrificio: uma ideia, uma causa, um ideal político, social, artístico, humanitário.

Trata-se de um impulso, de uma orientação bastante geral para que a razão a possa acomodar ás realidades imediatas. O fito último desta acção será uma utopia? Que importa? O sonho não vale por si mesmo, mas pela qualidade do esforço que se dispende, tentando realizá-lo.

Contudo, eu inclino-me a crêr (mas esta crença não será fundada) que o homem vai edificando a sociedade ou, mais propriamente, o homem vai edificando a humanidade com o mesmo instinto seguro com que a ave constroe o ninho.

E creio, tambem, que esse instinto obscuro na multidão, se torna mais consciente, mais nítido, á sensibilidade de alguns altíssimos poetas. Que, porém, isto nos não faça cair no lôgro de considerar um Evangelho tudo que qualquer cavalheiro nos

venha dizer em verso, ou de supôr fetichisticamente na multidão a pura fonte da Verdade. Os juizos da multidão devem ser apurados por um es-cól; os instintos individuais rectificados pela razão. Porque se a multidão ou o instinto tiverem a razão contra a lógica aparente, nada conseguirá obstar a que realizem o seu sonho.

Mas pondo de lado estas ideias, talvez não essenciais, despojando-nos de todo o aparato metafísico e de todas as galas do estilo obscuro com que é de uso pontificar em assuntos de Arte, a questão resume-se muito simplesmente a isto: a Arte tende para a sua definição, para a sua essência:— a emoção.

Se quizermos definir a curva evolutiva da Arte, diremos que ela vai do máximo de representação com o mínimo de emoção (arte clássica) ao mínimo de representação com o máximo de emoção. E isto não porque êste seja o bel-prazer de alguma etnidade metafísica, obscura e diligente; mas porque emoção e representação de certo modo são antitéticas como manifestações diversas de uma única energia, e também porque a nossa sensibilidade é cada vez mais complexa e cada vez mais profunda. Ah, quem hoje se contentaria com a melodia simples de uma avêna rude?

No princípio, era a Estátua. E ela era abstra-

cta, simples, clara, harmoniosa e divina. Mas depois veio a pintura: primeiro, os Mestres da linha, súbditos ainda da Estátua, em seguida os Mestres da Côr, os Mestres da Expressão, alfim os Mestres da Luz, sugestivos e musicais. E foi quando a Côr triunfava, que a Musica, sabendo que ia suceder-lhe, se desenvolveu e de súbito se alou para as hegemonias futuras. E agora vejo: a Estátua era a mais representativa porque no bloco nada era sugerido mas realizado, palpavel; mas a Estátua era serena. Depois, os mestres da côr fizeram o milagre da expressão, pondo em valor os elementos característicos e desdenhando os mais, e os mestres da Luz, finalmente, não se satisfizeram de valorisar os elementos expressivos, isolaram-nos apagando os outros na sombra ou no esplendor. Mas estas representações, por assim dizer incompletas, eram idênticas ás outras que a música sugeria.

E começou aqui o domínio musical. Passou a arte por aqueles momentos que sofre a nossa visão, quando colocados em frente de um espectáculo nos deixamos insensivelmente absorver pela vida interior.

Postos diante de uma paizagem, o nosso olhar, a princípio, se dispersa pela multiplicidade das coisas; depois certos ruídos, o chiar ao longe de um carro de bois, o chocalhar de um rebanho que recolhe, nos dispõem á melancolia. Então os nossos olhos só reconhecem os objectos capazes de ex-

primir o estado da nossa alma : os clarões mortiços do poente, a sombra do pinhal, a planície deserta.

Finalmente, o nosso olhar se fixa num objecto único, uma arvore ou uma pedra, espécie de fulcro em volta do qual fluctua o pensamento.

Mas se o espirito ama encontrar no que é estático um ponto de apoio para se mover, com quanto maior delícia não acha num objecto fluctuante o seu próprio ritmo! Como é belo o mar! Que fascina-dora a dança quando, em vez dos saltos bárbaros e das posturas grotescas em que o público se compraz, é uma seqüência de belas atitudes continuadas e pendentes, interrompida, alguma rara vez, por uma solução brusca e imprevista! Porém, a que virá ao nosso prazer a *filosofia da mobilidade*?

Posta aquella lei da evolução da Arte, de que acima falei, me parece que a Arte, que chamo de amanhã porque pressinto que amanhã dominará e não porque não existam já hoje esplendidas realizações, essa arte há de ser puramente expressiva e dela serão eliminados, portanto, aqueles elementos primacialmente lógicos. O que não quer dizer que seja obscura, mas sugestiva. E, como entre os elementos lógicos há os que situam o objecto no tempo e no lugar, a matéria da arte será lendária, dos países inconsistentes de nenhures, de épocas de que não reza a história, mas onde se agitem almas de toda a terra, de todo o sempre humanas.

E qual o efeito desta arte sobre o contemplador?

O contemplador duma obra de arte plástica terá diante dos olhos uma imagem circundada por um hálo prestigioso de coisas evocadas. Esta imagem, realçada assim, tornar-se-há um objecto de êxtase, um centro de unidade para a alma. Mas aquele mesmo hálo, aquela auréola vaga, criará na alma o frémto, a aspiração, a variedade. E assim a Arte será a expressão viva da própria Alma, a sua correspondencia perfeita, a Consciência, o EU, esta unidade múltipla, esta contínua flutuação que constantemente se sintetisa. A Arte não será a imitação da Vida, a Arte será a Vida. O Êxtase e a Aspiração, a Beleza e a Poesia, Apólo e Dionysos — os dois pólos da Vida — os dois pólos da Arte — se encontram reunidos na obra de arte suprema. — *M. António de Almeida.*

O poeta snr. António de Monforte

e os socios da Renascença

O snr. dr. António de Monforte enviou-nos a seguinte carta:

Senhor:—Tambem eu tinha alguma coisa para trazer a êste abençoado inquérito. E tanto era que, metendo-me a dizê-lo, atirei comigo para fóra de vila e termo,— não houve mão que me sustivesse dentro da concisão devida ao estreito campo dum jornal. Dei por mim já muito para além de todos os limites e voltar atrás seria renunciar ao que mais valia a pena. Daí, o reservar o meu depoimento, tão largo como êle me aparecia, para o desafogo de um folheto, que não demorará a romper com uma epígrafe sacudida, pronta:— «*O espírito lusitânico*».

É Topsius,—seja assim!—que ergue a palmatória contra o saudosismo de mestre Pascoais. Nada tão convencional, na verdade, nada menos probado que êsse avariado conceito da nossa psicologia — pura improvisação de acadêmico pedante, de filisteu desconhecedor da realidade social do povo português!

Nem a capa tradicional do mendigo espanhol

enxadrésa remendos tão disparatados como a síntese formidável do formidável Marános, — Zaratustra mascarado em filósofo de aldeia. O psitacismo, afinal, que caracteriza a obra do vate, impossibilitando-o de pensar claro, de sentir claro!

Ora parece que os Deuses me fadaram, humilde criatura que sou, para derreter a gordura gongórica que amaneira a vacuidade daquilo tudo. V. verá que os artigos de fé da apregoada «Renascença» não passam de uma bastardia ignóbil, onde o excesso doentio da invenção se risca de antériticas rosalinices.

Pascoais embrulha o dionisismo criador da Esperança com a persistência resignada da Saudade, que não é senão uma esperança devolvida, negativa. Falsifica criminosamente a compreensão da raça com uma farrapada étnica a que mistura não sei que resíduos de ultra-romantismo sédiço. E o que é devéras engraçado são os compadres que, apenas Marános botou teoria, elegeram logo a Torre de Belem para Elvira das suas ternuras. Quer-se lá maior e mais abominável contrafacção?!

Em vez de se conformarem com o determinismo da Paisagem e do Sangue, abandonam-se a uma espécie de perversão ideológica, regulamentada por um princípio unilateral e dogmático. E deve-se chamar Renascença ao que não significa mais do que uma atitude artificial, — um produto manufacturado grosseiramente, para uso de um sindicato farisaico?

Cardeal-diabo da capelinha tripeira! eu lhe juro que o processo ficará minuciosamente informado. Tão vazia de sentido a triste nasceu que para tomar ser de gente, para ganhar fisionomia, teve que se apoderar de intuitos que nunca foram dela. O movimento que inculca existia já bem definido em Portugal. Folheiem-se os *Serões* de setembro de 1909 e aí se encontrará uma prosa de pessoa lida, sob o título seguinte: — *A nova geração — Do neolusitanismo*. Pasmarão decerto da assinatura, porque não há muito ainda que neste logar o autor discorreu, attribuindo á arcadia portuense o que três anos antes a outros attribuira. Não se estranhe, porém: — usou legitimamente dos direitos de propriedade.

Já o mesmo não acontece com os senhores de *A Águia*, que até agora, numa pelintrice aviltante, só deitaram de original, de próprio, aquele *post-scriptum* deliciosíssimo de Pascoais no último número. Ensinaram-me em Coimbra graves sabedorias que, quando uma sociedade vive do que não é seu, abre-se-lhe falência. A da famosa Renascença por quotas está aberta. Podem habilitar-se os credores!

Sou de v. camarada leal e agradecido — Outubro, 1912 — *António de Monforte*.

O snr. Afonso de Bourbon e o inquérito

Sr. Redactor—Como poderá repercutir na alma dispersa e anónima uma obra cuja objectividade transcendente—se é que a tem—se não harmonisa com o pensamento, embora embrionário, que já move a consciência colectiva? A Arte tem que reflectir, interpretando-as em todas as suas modalidades e contrastes, a alma e a vida do seu tempo, as recônditas aspirações e tendências da sociedade. Creio que, nesta hora, exclusivamente uma Arte que reverbere a nossa trepidante vida contemporânea, amassada de exaspero rábido e tristeza, rebeldia e scepticismo, a nossa vida febril, intensíssima, tumultuária,—esta alma moderna nevrosada e freme, morbidificada pelo *surménage*, electrificada de frenesis—logrará encontrar ressonância e correspondências na emotividade ambiente.

Essa arte possante, máscula, comovida—e a Arte que profundamente comove é aquela que brota de uma profunda comoção—iria buscar á complexa modalização da vida actual têmeas, scenários, tipos, *Leit-motivs* que fossem bem o tran-sunto ao mesmo tempo exacto e impressivo da nossa época, do nosso século, da nossa vida real.

Estou certo que uma arte assim valeria imensamente mais do que essa que, modelada sobre futilidades irrisórias de ideação, constitue a predilecção gulosa de *dilettanti* sibaritas e *mademoiselles* de tótó e *carnet-mondain*... Em vez da lamecharia de um subjectivismo delambido, banal e caseiro,—extases e elegias, melancolias ao sol-pôr, misticismos degenerativos—será a vida turbilhonesca das cidades loucas, corroídas pelo fermento de revolta que conjura nos *bas-fonds* suas vindictas de abalar o mundo, que inspirará e alentará a Arte ungiendo-a de imensa grandeza e tocando-a de um poderoso sôpro de epopeia. E vai-o fazendo já... Bem mais que o saudosismo de Teixeira de Pascoais é, a nosso vêr, a inspiração que alenta os *crayons* de Forain e vibra poderosa nas estrofes de Veraharen — o poeta das *Villes tentaculaires* e das *Forces tumultuaires*. Porque, afinal de contas, o saudosismo — que é uma espécie de cantárida para espevitar a devoção patriótica em deliquescência — terá visos de viabilidade? Desconfio bem que não tem. Digo porquê — sintetizando.

A Saudade, como síntese psicológica da raça, como expressão suprema da alma nacional—conforme o conceito de Pascoais—cifra-se na «velha lembrança gerando o novo desejo», quer dizer, na rememoração comovida do Portugal heroico de outros tempos e no desejo de outro, harmónico com esse, modelado sobre a mesma alma criadora, construir de novo. Mas viabilisar-se-há esta concepção

eminentemente patriótica, racista, agora que, cada vez mais, a *Patria* vai sendo um eufemismo apenas toleravel? Como se casa esta intenção glorificadora da pátria com as disposições agressivas da alma popular neste século de reivindicações proletárias, gréves, demolição?...

Na concepção saudosista há um reflexo de beleza irrefragavel e creio bem que ela agrada á sensibilidade da maioria dos portugueses que, sempre nos exaltamos de nostalgia, lembrando a grandeza fecunda e generosa do Portugal remoto, mas, vendo as coisas a frio, ponderadamente, não creio que o saudosismo logre captar as inteligências do maior número pelas razões que, muito pela rama, indiquei acima.

Tenho para mim como certo, porém, que cáia embora o saudosismo não cairá o talento, incontestavel, dos seus corifeus. E isso consola-nos. Claro é que da falange que hoje desfralda o balsão saudosista fica o nucleo, reduzidíssimo, inovador: a coórte que em redor dêle se apinha arremeda-o, por mimetismo, por interesseiro cálculo, para aquinhoar a aura momentânea que a « Renascença » agora tem... Essa esgueira-se logo que, á ala enamorada, chegar a hora difficil da hostilidade erichada de doestos e indiferenças. O saudosismo, a meu vêr, tem o futuro de todas as ideias de cenáculo: inspirará polémicas, suscitará discussões, ungirá muitos sonetos e esfumar-se-há naturalmente, de mansinho, sem se dar por isso. A Saudade é a

própria alma da raça, o seu «próprio sangue espiritual»? Oh! a alma do povo não é imutável e no momento em que estamos polariza-a um complexo de desejos bem outros que os que o saudosismo comporta e pressupõe.—*Afonso de Bourbon.*

O snr. Hernâni Cidade

faz uma síntese comentada
das ideias que passaram
através dos artigos aqui pu-
blicados

O snr. Hernâni Cidade, pela sua carreira de destaque na Faculdade de Letras de Lisboa e pelo que, por nós, en'endemos que sabe, dá suficiente garantia de ponderação e proficiência, para que o público leia este seu artigo com o merecido interesse.

Depois dêle, os quatro ou cinco escritores que já sabemos irem escrever livros e folhetos a propósito dêste inquerito, farão a precisa análise de tudo que de notavel passou através dêle.

Eis o artigo :

Meu caro Boavida Portugal:—Que lhe exponha a minha impressão do Inquerito — pede o meu amigo.

É justo. E não é sem certa solenidade de flaminio antigo que eu me apresento a depôr. Sinto que o meu depoimento, ou antes, o seu convite

vale por uma metade do Inquérito... Mostra uma face inteira da questão, êsse convite!...

Qualitativamente, já estava conhecida a nossa crítica literária. Preciso era que quantitativamente ela se nos revelasse também, não é verdade? E daí, este convite—maneira finamente diplomática de provar que se exgota rápido a lista das competências desta Pátriasinha, tão dessorada e tão magrita...

O Boavida, afinal, em tudo foi duma graça inédita, nesta ideia do Inquérito. Que marota partida v. pregou á Crítica!... Em grandes ares pontificais, subiu v. ao altar em que se erguia hierático, esfumando em penumbra e incenso, o ídolo fulminador. E, grave e calmo, o dedo nos lábios a impôr silêncio, bateu-lhe rijamente na cabeça para que se ouvisse o oráculo—e a cabeça do estafermo ressoou, retumbante, de vacuidade e leveza...

Assim devia ser — e v. bem o previu — confesse...

Crítica literária em Portugal!...

Mas que olhar de adivinho a lobrigou jámais? Faltam-nos para ela:

1.º faculdades pacientes de análise e o dom divinatório da síntese;

2.º serenidade quasi religiosa nos processos e a desanuviada elevação de vistas;

3.º e quem sabe se também matéria a sério criticavel?...

E é porque tudo isso nos falta que, em Portu-

gal, ou é a critica um banal salamaleque de salas, ou uma descabelada diatribe de regateira ciumenta. E no geral, não passa de uma variabilíssima resultante dêstes factores: o *palpite*, a côr dos olhos do autor, o funcionamento gástrico do crítico, um jurosito de favor oportuno, ajuste de contas em aberto, desde umas inconfessadas aventuras convergentes... E que sei eu?...

Isto, em geral, não é verdade? Que no Inquérito aparecem nomes a quem os novos devem o respeito com que se paga um legado de sciência ou arte, grande ou pequeno não importa, mas representando um trabalho honesto e perseverante, tão pouco vulgar nesta Pátria de sol e moscas...

Falo, é claro, dos novos que não forem por sistema atacados de uma fobia iconoclástica que é o mais decisivo contra-indicador da aptidão crítica.

Mas concretizando:

Eu dividirei os críticos deponentes em dois grupos principais.

1.º Os críticos da velha escola;

2.º Os críticos da nova escola, compreendendo:

a) os não-renascentes;

b) os renascentes.

Reduzo, é claro, o Inquérito á sua expressão mais simples, mas comprehensiva. Porque nem todos souberam depôr nêste tribunal literário. A complacência do snr. juiz permitiu até que, de quando em vez, um ou outro assistente, impaciente de alaridos escandalosos e sôfrego de olhares estranhos,

agitasse nas mãos charlatanescas a campainha do réclamo próprio...

Voltando, pois, aos críticos e *só aos críticos*.

Os primeiros apreciaram, em geral, por palpíte, possivelmente na atonia contente das digestões opulentas. E como saíam dos poços escuros da sciência profunda, a espreitar, ás furtadelas, os horisontes azues, ou eram arrancados á paleontologia dos tempos distantes, para um meio psíquico diferente e consequentemente incompreendido, apenas dos seus veneráveis oráculos se logrou *ressaber*:

Que a literatura portuguesa a modo que anda assim impregnada de panteísmo, que substitue... os modelos quinhentistas e arcádicos...

Que os sabios e os intellectuais do século se agrupam assim: tantos nesta sciência, uns pouquinho naquela, meia duzia para aqui, uns tres por junto para acolá... E que, pelo que respeita á poesia, vai menos mal. Di-lo-hiam os catálogos dos livreiros, se o não provasse o poeta Cunha filho, que o crítico muito aprecia...

Que, enfim, pelo visto nos autos e atendendo a que a ré, Literatura pátria, é uma criaturita franzina e inofensiva, embora ás vezes gritando impertinencias tôlas, fique-se em paz e socegadita, visto que *de minimis non curat praetor*, o que se traduzirá: de *coisas ordinárias* não curam os grandes homens.

Se quizer, entretanto, vir a ser gente, bătize-se e crisme-se, volva ao agápe cristão onde o crítico

ha muito se empenumbrou... e terá garantida a bemaventurança eterna dos humildes de coração e... dos pobres do espirito...

E mais não disseram... E imaterializando no nimbo de semi-deuses, lá se foram chegando para o pórtico gelado do panteon, sem se importarem que, no íntimo das nossas almas anciosas, sómente avolumára a desconfortante e quasi desesperada dúvida antiga:

Em Portugal ha literatura nacional?

Em Portugal ha crítica literária?

*

Mas novo grupo de deponentes se perfilam, elegantissimos. Sorriem, confiantes e gesticulam com grandes pausas. São os triunfadores do presente. Tutelam a literatura moderna, vivendo com ela em mancebia que num ou outro chega ás vezes a ser sinceramente amorosa. Falam pois dela autorizadamente... se disserem mal...

E que nos dizem?

Muita coisa vaga... A luz do seu verbo dissipa-se na bruma, e é difficilmente que se lobrigam os perfis ondulantes destas afirmações:

A nossa época é convulsionada. E sobre a ruina do passado ainda se não deliberou a nova síntese fecundante...

Perpassam por cá, todavia, uns leves arrepios

dos ideais perturbantes lá de fóra:—o panteísmo, o idealismo, o pragmatismo...

Mas é já velho, apesar de tudo, o nosso lirismo. Maior impressionabilidade talvez, maior riqueza expressiva, mas sem princípios especulativos que alicerces e ergam teorias de arte, determinando correntes literárias...

Renascença?... Uma sociedade que... abriu falência... Originalidade?... Histórias! Só a pregam criaturas que são...

...o que eles disseram aos leitores. Eu não o repetirei. Esfarrapem e enlameiem eles no lamaçal os nimbos divinizadores e as candidíssimas azas...

E mais não diziam...

Era muito?... Era pouco?...

Julgava eu que pouco fóra, em verdade.

A minha ingenuidade de primitivo recebera de Taine, como dogma, que um povo étnicamente diferenciado, muito tempo vivendo num meio físico e psíquico distintos, deveria estereotipar na obra de arte o seu « facies » psicológico individualizante. E porque o olhar fluctuante e superficial dos nossos críticos o não atingira na bruma literária envolvente, eu ia já levantar contra eles o meu anátema indignado, quando reparei no dobre a finados por mais dum deles vaga ou nitidamente modulado:

— Em Portugal não há literatura... — Seria a explicação do vago das suas afirmações? Seria este penhorante empenho de nos não desconfortar, que a

alguns deles deteve lá pela altura das afirmações gerais e ondulantes, tão imprecizas, que á maravilha podem caber entre quaisquer paralelos do mundo culto... e tão banalizadas que nelas aeroplaniza ha muito a penuria intelectual dos lázaros do jornalismo?

Ou era a maneira cábula de fugir ás questões que jámais se analizaram?

Quem sabe?...

E no fundo da alma, perfurante sempre, cada vez mais e mais avolumava e pesava a interrogação já velha:

Em Portugal ha literatura nacional?

Em Portugal ha critica literária?

•

E, então, eis que um novo grupo, radiante,

palmas na mão, cantando um cantico de esperança

se dirige a nós, num eureka esplendido, quasi comovedoramente sincero.

E clama:

— Em Portugal ha literatura nacional — e a mais original literatura moderna!

— Em Portugal ha critica literária, porque se soube descobrir esta redentora verdade!

Ouçamos deste grupo o snr. F. Pessoa. Os seus confrades, não vale a pena. Nem o leitor perde em não contemplar as pirilampiscências de

grão-senhores monoculares, gesticulando rítmicos e sorrindo desdenhosos; nem seria edificante ouvir invectivar alguns, como empenhados em provar que o Pégaso não tem só azas e é carrascão grosseiro, ás vezes, a agua de Castalia...; comquanto talvez fosse divertido ver os modernos processos de prestidigitação-filológica, com que se consegue atafulhar numa palavra uma biblioteca de filosofias e literaturas, vestígios de não sei quantas raças e embriões de maravilhosas civilizações futuras — como quem recalca, num côco velho, um armazem de bric-à-brac e um armazem de modas...

Mas é tempo de ouvir o snr. Pessoa.

É um rapaz inteligente e estudioso. E, além destas qualidades tão raras, acumula a qualidade raríssima de saber responder aos adversários com ideias e com delicadeza. Na resposta do professor Adolfo Coelho ao inquérito e na réplica de F. Pessoa ao sábio lente da Faculdade de Letras, eu vejo resumido todo o Inquérito. Foram os dois críticos que mais inteligentemente e documentadamente traduziram as duas ideias, que correm, sobre a moderna literatura.

Que nos diz o snr. Pessoa?

1.º — Que a literatura portuguesa moderna se revela com uma equilibrada originalidade que é a máxima até agora por ela atingida, só comparavel á inglesa do período isabeliano e á grega do período homérico.

2.º Que essa originalidade não pôde deixar de emanar de elementos nacionais.

3.º Que, concludentemente, os poetas portugueses de uma época muito próxima e talvez alguns dos da actual, ainda não revelados, porventura, hão-de ser supremamente grandes — águias olhando altivas para esse pintasilgo que foi Camões...

E daqui conclusões sociológicas interessantíssimas, pelo que revelam de escolasticamente engenhoso e quixotesicamente arrojado. Mas isso não foi exposto no artigo, e, portanto, fica deste lugar relegado.

Vejamos, porém:

Essa originalidade consiste para o sr. Pessoa numa nova atitude do artista, perante a Realidade. *E' unificada* que o artista vê a dualidade eterna que a constitue. *E' a Realidade-alma.*

Mas... *pelo filósofo*, essa atitude foi tomada ha muito tempo — desde os tempos do Hilozoismo grego. E modernamente, conhece o snr. Pessoa melhor que eu, talvez, o *naturalismo transcendental* de Scheling, afirmando a identificação da natureza e do espirito na suprema *realidade ontológica*. Traduzindo isto em humano, vem a dizer que, para o citado filósofo, entre os dois mundos não existem apenas analogias, paralelismos, relações traduzíveis pela comparativa distanciante *como*. Há uma verdadeira *identidade substancial*, uma verdadeira *Realidade-alma*, manifestando-se atravez

da universal existência numa crescente iluminação de consciência.

A natureza vem a ser assim um vago prelúdio apagado da orquestração wagneriana e maravilhosa que o *homo sapiens* concentra e traduz, não é verdade?

Pascoais, o poeta da bruma e do mistério, que ao mistério e á bruma deve — quem sabe? — a ampliação desfigurativa das modestas linhas que lhe contornam a personalidade poética, outra ideia fundamentalmente diferente não exprimiu, quando disse:

*Quando olhas para uma árvore, talvez ela
julgue que és um fantasma e tenha medo!
E quem sabe se as árvores são fantasmas
para o nostálgico e trágico rochedo?...*

Mas não é isto a expressão do sonho panteísta da iluminação crescente, pela consciência, da *unidade substancial da Realidade-alma?*

Em que consiste então a originalidade da literatura moderna?

Em condensar, pela primeira vez, tais nebulosas filosóficas em fúlgidas cristalizações artísticas? Mas eu recordo que, já segundo V. Hugo:

*Ce qui dit la bouche d'ombre
... c'est que vents, ondes, flammes,
Arbres, roseaux, rochers, tout vit!
Tout est plein d'âmes.*

E, modernamente, Jean Lahor, por exemplo, não deixará também que sejam tomados e impostos como tipos de poesia original as composições pelo snr. Pessoa apontadas. E o leitor julgará se êle tem razão, quando o poeta francês, numa atitude mística de sacerdote do novo Credo e numa ternura efusiva e acolhedora de poeta das novas emoções, lhe disser convicto que

*Les fleurs ont des regards qui nous font souvenir
de grands yeux féminins attendris par les larmes,
et les beaux yeux des fleurs ont aussi tendres charmes.
Les fleurs révent, les fleurs frissonnent sous la nuit
Et
.
les roses au corps pâle, en écartant leurs voiles,
folles, semblent s'offrir aux baisers des étoiles.*

Entre êsses choupos em cujas almas a imaginação transfigurativa do snr. Cortezão descobriu almas de discípulos de Tomás de Aquino, e estas flôres em cujos corações o ouvido feminino de M. Lahor logra sentir corações de filhas de Heloísa, não lobrigo eu, no ponto de vista de atitude perante a Realidade, a mais pequena característica diferencial. Numa, como noutra, não há a *imaginação da analogia* entre fenómenos do espírito e da natureza, há a *compreensão, o sentimento da identidade substancial* em que êles eternamente se abraçam e fundem.

Em que consiste, pois, a originalidade da poe-

sia portuguesa? Tem que mostra-lo mais claramente o snr. Pessoa. E bem aneio por que o faça, pois não é com cinismo e sem maguado desconforto que vejo tombar em ruínas uma torre ebúrnea de maravilha e grandeza, arrojando-se ao alto, espirituallizando no azul num grito ressurgidor das nossas almas, não sei se para sempre mortas, se transitórricamente a dormir, exaustas...

Mas não conseguirá prová-lo, certamente!...

E, consequentemente, a Pátria portuguesa, pelo que respeita a criações civilizacionais, continuará na sua sonolência secular de Roldão aposentado...

E, consequentemente, Camões continuará muito sobranceiro á Brasileira e ao Martinho, embora o não erga muito acima da sua vizinhança de charlatões aquele boçalissimo pedestal, que bem receio não simbolize, assim grosseiro e inexpressivo e pesado, a alma truncada e deprimida da Pátria que lho erigiu...

Mais considerações nos sugere o artigo do snr. Pessoa. Mas este vai longo e eu só não fugirei a mostrar-lhe a minha estranheza pela facilidade com que infere a *nacionalidade* da nova corrente literária, do facto de meia duzia de poetas nela se agruparem e ser impossivel, uma vez provada a sua originalidade, ter esta outra proveniência que não a do fundo sentimental da raça.

Por menor expansibilidade que se atribua ás ondulações imitatórias de Tarde, ficará ainda a bas-

tante para explicar essa comunidade de sentimento e ideia, nesta nova Tavola-Redonda onde tão enternecida é a amizade e tão frequente o inter-cambio de filosofias, impressões, versos, elogios... Temos direito a exigir do snr. Pessoa provas menos apriorísticas dessa afirmação. O *folk-lore* português é rico. Procure o curioso crítico nêle qualquer germe que embrione essa decantada poesia nacional...

Mas o artigo já excede as medidas ordinárias. E nós chegamos ao fim da nossa tarefa. Com qual resultado?

Queríamos nós saber da beleza, virtude, graça e mais partes que concorriam na juvenil elegante que dá pelo nome de *Literatura Portuguesa*.

E vieram os velhos e negaram-lhe a paternidade, num arreganho escandalizado; motejaram-lhe os arrebiques extravagantes de *cocotte*, e encolhendo os hombros, num desdém olímpico, voltaram-lhe as costas.

E passaram depois os novos. Olharam-na sem respeito nem amor, envolveram-na numa indiferença gelada e quasi irónica e, sem lhe apontarem qualidades apreciáveis e inconfundíveis, disseram coisas vagas para, em cortezia de sala, mansa e prudente, lhe desculparem os defeitos... E retiraram apressados, como se estivessem constrangidos...

E, afinal, aproximaram-se os novíssimos. No seu olhar exaltado e visionário nós sentimos arder a febre de um amor desvairante e cego... E foi de-

lírrio e quiméra e fumo quanto da *Esposa dos cantares* ditirambicamente disseram...

E como ninguém mais restasse, a tristeza então gemeu na intimidade da minha alma. Pesava nela a sensação depressiva que experimenta quem atinge a vacuidade da negação e compreende a inutilidade do esforço e antegosta a amargura do desespero...

Bem queria sentir uma aurora de fé, raiando no frenesi de trombetas que nos chamassem á vida.

E, afinal, tenho na alma a impressão de cinzento e vago em que se esmaiasse o sonambulismo duma cegada, exalando plangências de cantochão morrente, de repente varado por vibrações rápidas relampagueando numa fumarada rubra de marsehesa triunfante, logo esvaecida na impassibilidade do azul indiferente...

E no meu espírito, mais dolorosamente agora, perfura como um punhal e espirala como uma serpe, a interrogação antiga:

Em Portugal ha literatura nacional?

Em Portugal ha crítica literária? — *Hernâni Cidade*.

Termina com êste a série de artigos do nosso inquérito, pedidos uns, a sete ou oito dos nossos escritores e aceitos outros, a muitos ainda, que es-

pontaneamente vieram trazer a sua desinteressada colaboração.

Depois disto, diremos nós também algumas palavras, as quais, juntas áquelas que escrevemos na *República* do dia 3 de setembro, definirão bem o nosso papel, que muita gente vai tendo gosto em depreciar.

Entrámos neste inquérito com toda a calma de espirito, com toda a independência de interesses ou affectividades e, sôbre tudo, perfeitamente consciô do que iamos fazer e, ainda mais, conhecedores do que em outros países se tem feito.

Mas, não nos antecipêmos.

Como já tivemos ensejo de dizer, está por pouco o nosso inquérito. Mais um artigo, e tudo estará terminado.

Os nossos leitores, que não pudéram colecionar todos os artigos aqui publicados hão de tê-los, muito em breve, reunidos em volume, com vários outros depoimentos valiosíssimos que não alcançamos para agora.

Não perderão pela demora.

Post tantos tantosque labores... vamos pôr.

Ponto final

Muito poderosos e justos motivos nos levam a terminar aqui o inquérito. Os interessados nada perderão com isso, visto ser já copiosa bastante a documentação que vi-nhamos publicando.

Demais, o assunto foi debatido nas columnas da República durante quatro menses!

E, assim, ninguém dirá que é cêdo.

O inquérito por nós feito á literatura portuguesa contemporânea é, sob vários pontos de vista, uma lição.

Como em Portugal nada se fizera ainda neste sentido, tivemos de desbravar a selva, de bater o mato maninho da república das letras.

Foi, ao mesmo tempo, lição para os jornalistas que venham a abalançar-se a idêntica tarefa e foi-o também para os nossos intellectuais, a quem nunca foram pedidas contas das altas responsabilidades que tomaram escrevendo para o público. Foi, talvez, providencial que neles despertássemos a con-

sciência dessas responsabilidades. Se alguns, em verdade, a tem, noutros verificámos estar de todo obliterada.

— Mas que autoridade—tem-se por aí perguntado—tem F... para?... »

— Entre toda a gente a quem por ventura isso suceda, nós prezamo-nos de tomar a sério o nosso papel de jornalista. E ser jornalista é, para nós, alguma coisa mais do que rabiscar uns quartos de papel, justificativos do ordenado do mês, absolutamente falhos de qualquer ideal que não seja o escândalo do dia, falhos de qualquer fórmula que não seja o logar comum.

O jornalista, em face de um inquérito literário, tem um ideal e uma missão algo superiores. Se o escritor tem uma responsabilidade social efectiva, isto é: se o escritor é responsável pelo que sabe e escreve, perante a sociedade, o jornalista é a única entidade idónea para, em benefício da sociedade, chamar o escritor a essa responsabilidade. (A não ser que á sociedade fosse preciso fazer estrondosas reclamações, para obter o cumprimento dos compromissos sociais !)

Daqui se infere que o convite por nós feito aos escritores portugueses não significa *o pedido do obséquio de nos virem pejar as colunas do jornal*, mas alguma coisa de mais elevado para elles e para nós.

No caso do inquérito á vida literária portuguesa, nós traduzimos uma necessidade de orientação geral. Nesta hora em que todos parecem ter

perdido a noção de si próprios e daquilo que os cerca, tornava-se necessário inventariar toda a vida portuguesa, afim de contribuímos para a sua mais prática e fecunda orientação.

Sobre este ponto de partida que tomámos para efetuar o inquérito á literatura nacional, são bem claros os termos do nosso artigo de 3 de setembro último, neste logar publicado. Hoje, simplesmente, queremos dar conta do desempenho da nossa missão de procurador do grande público que lê, junto dos escritores. Se o jornalista exerce um papel activo dentro da opinião pública, temos o direito e até o dever de o fazer.

Sabemos recair sobre nós a gravíssima acusação de não havermos citado a depôr no inquérito figuras de destaque no nosso meio intelectual. Não é bem assim : é que nós ainda não dissémos os nomes de todos que consultámos e não quizeram responder. E detraz disto está toda uma via-dolorosa de esforços baldados, de respostas desanimadoras, de passos perdidos.

Por exemplo : os snrs. Manuel de Oliveira Ramos, lente da Universidade de Lisboa ; Eugénio de Castro, o poeta illustre ; Marcelino Mesquita, o dramaturgo insigne, nem se dignaram responder ás nossas cartas. Outros não quizeram depôr, como os snrs. José Sampaio (Bruno) *por andar mal disposto de espirito* ; Mendes dos Remédios *não pôde concentrar a atenção por envolvido nas lidas do governo academico* ; Carlos de Mesquita agradeceu o nosso excesso

de amabilidade, mas pediu que riscássemos da lista o seu nome, *por não poder dar uma resposta satisfatória*; Teixeira de Queiroz, confessou-se *humilde no caso, declinando a honra por não ser crítico, apesar de, como toda a gente, pensar, bem ou mal, alguma coisa sobre todos os nossos pontos de vista, que são outros tantos assuntos literários e filosóficos*; Antero de Figueiredo disse não ser crítico e só os criticos poderem dar serenas respostas; mas para que nos não agastássemos inteiramente quiz responder ao quésito que preguntava qual o seu papel na literatura portugueza com a palavra: *humílimo!*; Manuel da Silva Gaio, tendo dado todas as provas do seu apreço pela nossa ideia, *andava doente, oferecendo-se, aliás, para outra vez*; Coelho de Carvalho prometeu sempre, marcou muitos *rendez-vous* por só lhe faltar passar a resposta a limpo e... faltou sempre; Julio Dantas, depois de querer saber quem eram os companheiros que lhe havíamos escolhido (não pela sua pessoa, mas pelo lugar que occupava...), encontrou bem, mas fugiu sempre; Guerra Junqueiro mandou-nos telegramas, falámos-lhe em Lisboa, prometeu sempre, mas...

Ora, com gente assim, nada de completo se póde conseguir. Mas, enfim, foi a primeira e a falta de hábito desculpa-os. Para a outra vez...

Ouvimos ainda censurarem-nos pela violência das respostas de alguns escritôres; mas a verdade é que nós os chamámos invocando a solenidade do acto, lembrando-lhes as responsabilidades, etc., e

quando os esperávamos, de luvas, colarinho lustroso e olhar sereno, que vimos?—alguns furiosos, olhar em braza, dizendo nomes feios, de mangas arregaçadas e punhos fechados.

Nós bem quizémos conduzir o espectáculo o mais sério e decentemente possível; mas os homens a quem chamáramos *intelectuais*, *directores*, *guias da sociedade*, *magos* e outros nomes bonitos, para tomarem tento em si, desmancharam-se todos, perderam a linha!

De quem é a culpa?—Só dêles!

Falou-se para aí e muito da nossa orientação. Mas quem poderia ajuizar dela, se apenas os interessados conheciam os quesitos do inquérito? o que dissemos no nosso primeiro artigo (na *Sinfonia de abertura*) foi o aspecto da questão e o memento. Os quesitos eram os seguintes:

1.º—*Aspectos da literatura portugueza contemporânea; correntes dominantes no teatro, no romance na poesia.*

2.º—*Principais cultores e obras de merecimento que conseguiram impor-se e ainda as que o conseguiram imerecidamente.*

3.º—*Existirá uma renascença literária em Portugal? quais as suas ideias e tendências? quem as representa?*

4.º—*Como se classifica, qual o papel de V. Ex.^a dentro das letras portuguezas?*

Por aqui se vê que sabemos perguntar aquilo que desejamos conhecer. A nossa imparcialidade foi bem manifesta: os velhos teem a nossa gratidão pelo muito que nos ensinam e os novos a nossa

simpatia porque temos vinte e sete anos. Pena foi que alguns daqueles se mostrassem mal e estes perdessem a mais bela ocasião de se mostrarem bem, impondo-se á consideração geral.

Uns e outros não devem queixar-se de nós, nem do inquérito, mas dêles. Todavia, apesar das más linguas, é certo que alguma coisa de bom se fez. A psicologia do inquérito é bem a psicologia do momento. Sendo assim, conseguimos e que desejávamos.

A crítica do inquérito há de fazer-se. Se não, quebraremos os votos e iremos nós—que não temos querido entrar nesta questão como crítico—apreciar tudo que de bom e de mau se apurou com êle. E a imparcialidade, que atravez de tudo mantivemos, poderemos garanti-la ainda para isso.

Mas não será preciso. Já se prometem folhetos e livros e algum dêles virá, com talento, serenidade e justiça, poupar-nos a êsse trabalho, que nos póde dar tanto de prazer como de desgosto. O nosso papel dentro do inquérito está bem claro nêste e no primeiro artigo aqui publicado. Se, porém, alguma dúvida sincera surgir a nosso respeito e expendida nos devidos termos, cá estamos para a esclarecer. Aventureiros, despeitados e pouco polidos é que não podem contar com a nossa resposta. O público há de descobrí-los tão depressa como nós.

Posto isto, vejamos, em síntese, os resultados obtidos.

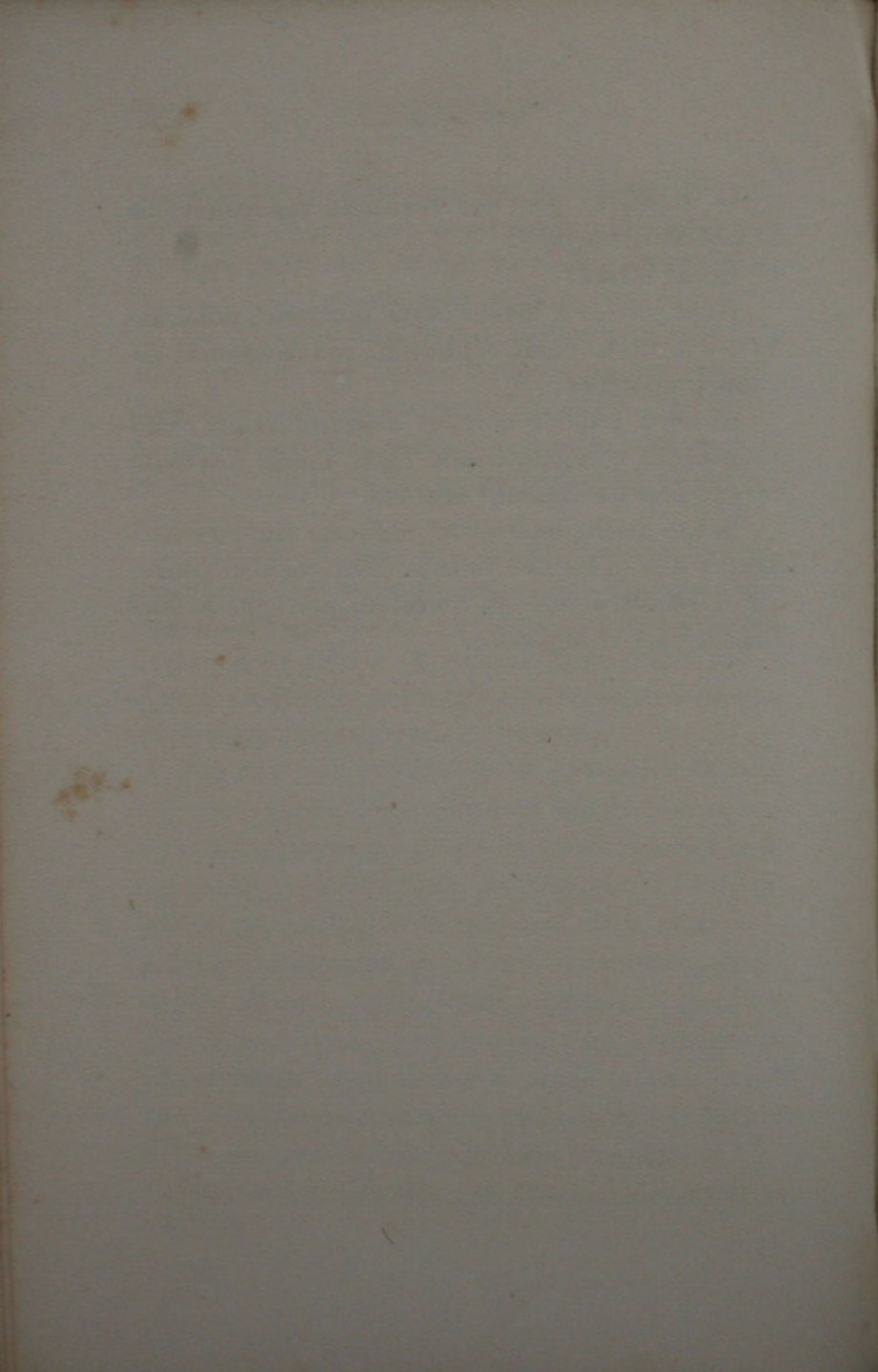
O inquérito por nós realizado nas colunas da *República* conseguiu:

agitar ideias;

fazer justiça a muito nome ignorado, publicandoo e a muito nome conhecido, reduzindo-o ás devidas proporções;

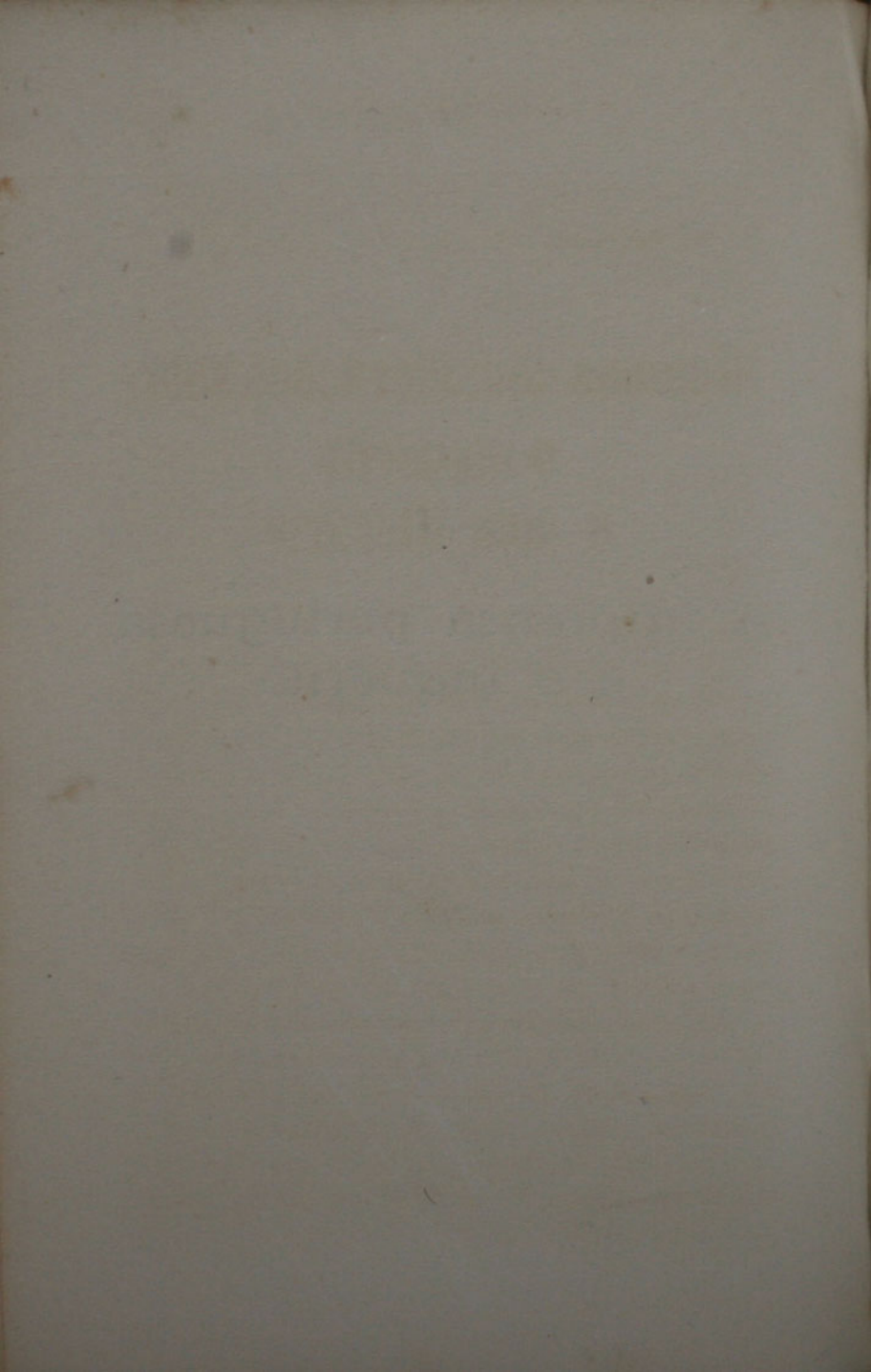
trazer a público as mais desencontradas como autorizadas opiniões, dando logar áquella discussão de que necessariamente saiu luz.

Sobre tudo, interessou milhares de espiritos, muitos dos quais não tinham outro meio de conhecer o estado actual da litteratura portuguesa. Não falkhou, pois, o inquérito.



III

A imprensa portuguesa
e o inquérito



Da *Montanha*, do Porto :

Algumas considerações sobre o inquérito á vida literária

A *República* de ontem publicou para início dum inquérito á vida literária portuguesa, uma entrevista com o eminente psiquiatra, snr. dr. Julio de Matos, que muito me impressionou, snr. redactor. E muito me impressionou porque ou todos os que julgamos ter-se iniciado nêstes últimos tempos em Portugal uma intensa vida literária estamos absolutamente doidos ou o illustre Professor, por quem tenho o máximo respeito e consideração, não quiz vêr o assunto em todo o seu desenvolvimento.

Eu, snr. redactor, sou um desconhecido nas letras e já agora tambem não quero tornar-me notório, mas sempre me convenço de que não atravessamos um período assim de decadência, como o snr. dr. Julio de Matos quer fazer acreditar. Nem mesmo na politica. É claro que tem havido muitas desilusões, muitas falências; é certo que se anda

em flutuação e dúvida; mas a verdade é que muito temos progredido e grandes ideais nos sustentam.

Não há revolução nenhuma que não traga após si tremendos períodos de efervescência.

O snr. dr. Julio de Matos sabe muito bem o que se deu com a França e com alguns dos seus mais notáveis revolucionários. O snr. dr. Julio de Matos sabe muito bem que se daqui a cinco anos se fizer um relatório, minucioso e justo, da obra da República, se encontrará um avanço formidável e se verá como, quasi insensivelmente, nos temos enriquecido de instrução, de leis humanas e fomentadoras, de instituições progressivas e racionais. E não é, certamente, deixando tudo para «amanhã», que tais passos se vão seguindo.

Nós vamos sentindo em tudo um renovamento, um renascimento, que pode não sensibilizar os velhos mas que enche de alvoroço os moços. Nas letras, nas artes, na própria política, sente-se girar um sopro novo de mocidade e vitória.

Fomos grandes, fomos heroicos. E quem nos diz que o não seremos novamente? Quem poderá negar, com íntima e desapaixonada convicção, que é preciso ser-se alguém para se praticarem actos como os de 5 de Outubro?

«Quem seria hoje capaz de fazer uma obra como a de Pombal?», pergunta o illustre professor. Vê-se bem em que ponto êle quer bater. Mas, será lícito pôr tal questão, quando as épocas são tão diversas e tão diferentes os estados do país?—O snr.

dr. Julio de Matos não é justo em chamar-nos um país de mergulhadores. Todos procuramos com âncua a luz do sol, e a posição bem vertical. E assim não se mergulha.

Temo-nos impregnado de francesismo a tal ponto que alguns franceses nos consideram a continuação da sua alma, saltando por cima da Espanha. Temos vivido muito do espirito francês. Não há, porém, um certo motivo para isso, desde que, pela identidade de raça, nós somos naturalmente atraídos para os pontos brilhantes da civilização francesa?—Concordo, no entanto, que se combata cada vez mais essa influência, não para assimilar o que venha de Espanha, sempre em conflito de sangue comnosco, não para importar modelos da Inglaterra e da Alemanha, que tão mal ficam ao nosso temperamento de meridionais, mas para se criar de novo o espirito português, na sua grandeza antiga, na sua indomavel altivez do tempo das descobertas. E isso nem representa regresso nem atrazo. Significa apenas um renascimento de energias, que há tempos para cá se anda divisando.

«Nem romance, nem teatro, nem poesia—o cáos»

Propriamente, porém, a entrevista em questão visa só á vida literária, que tambem é o unico objectivo do inquérito.

O snr. dr. Julio de Matos começa por declarar-se um pouco á margem das questões literárias.

Não seria tal afirmação o bastante para um eminente homem de Sciencia ficar por aí e não se vêr depois obrigado a dizer repetidas vezes: «parece-me», «creio que» e outras expressões de dúvida? Ou o rigor de raciocínio só tem applicação em sciência?

E diz então o snr. dr. Julio de Matos que não temos romance, nem teatro, nem poesia.

No romance e na novela temos, pelo menos, Raul Brandão, Antero de Figueiredo, Abel Botelho, Rocha Martins, Silva Gaio, Lopes de Mendonça, Teixeira Gomes, Carlos Malheiro Dias (com mais alguma coisa que *A Paixão de Maria do Ceu*), Severo Portela, João Grave, Henrique de Vasconcelos e outros. Para uma epoca de decadência e desorientação, como diz o snr. dr. Julio de Matos, já não é pouco.

No teatro, ainda que menos, podem notar-se Marcelino Mesquita, Lopes de Mendonça, E. Schwalback, Julio Dantas, Augusto de Lacerda, Vasco de Mendonça Alves, Augusto de Castro, etc.

E na poesia, então, poucos períodos terá havido tão ricos como o actual.

O snr. dr. Julio de Matos cita Correia de Oliveira como um bom poeta. Podia juntar-lhe sem custo Augusto Gil, Afonso Lopes Vieira, Teixeira de Pascoais, Fausto Guedes, Julio Brandão, António Patricio, João de Barros, e, dos mais novos, Jaime Cortesão, Augusto Casimiro, Mario Beirão, Alberto Monsaraz, António de Monforte, etc., para

não falar nos patriarcas Guerra Junqueiro, Gomes Leal, Eugenio de Castro, e outros mais.

É que não vão todos numa mesma corrente?

No romance e no teatro, difícil se torna marcar em qualquer literatura uma corrente. No entanto, o sr. dr. Julio de Matos se não dissesse vêr apenas como romancista Malheiro Dias e não apreciasse o teatro simplesmente pelos títulos, donde *calcula* que sejam verdadeiras exposições de pornografia, constataria que se não está escrevendo á tôa e que se caminha, mais ou menos decisivamente, para uma definitiva exaltação do espirito lusitano. No teatro até o sr. dr. Julio de Matos não foi muito lógico tomando a *revista*, como representativa do género. Nós já temos obras sociais e de merito no domínio da dramatologia. Para as conhecer, porém, é preciso frequentar os teatros, coisa que o sr. dr. Julio de Matos diz não fazer há muito.

Na Poesia, então, a corrente idealista, duma religiosidade inteiramente nova, duma fé entusiástica na Vida e no Futuro, está já bem marcada e com numerosos cultores. Leia o illustre professor as revistas « Agnia », « Rajada » e « Dyonisos », onde encontra essa corrente e êsses cultores.

De resto, o próprio sr. dr. Julio de Matos confessa haver uma corrente, quando diz que são todos mui pessoais e individualistas. Segue êsse individualismo ou não para uma renascença literária? Creio piamente que sim.

« A Águia » e a « Renascença Portuguesa »

Mas o snr. dr. Julio de Matos tem quasi por exclusivo fim da sua entrevista depreciar « A Águia » e a « Renascença Portuguesa », que eu me acostumei a respeitar por vêr que, se alguns erros tem cometido, maior número de benefícios hão prodigalizado na revista, na conferência, no livro e na Universidade Popular, que é uma instituição de enormissimo alcance.

O snr. dr. Julio de Matos dá, contudo, a impressão de que só superficialmente conhece a Sociedade « Renascença Portuguesa » e o seu órgão « A Águia ». Assim, depois de ter dito que Correia de Oliveira é um bom poeta, afirma que na « Águia » tudo é ordinário. Ora, como póle isso ser, se Correia de Oliveira pertence á « Renascença Portuguesa », e é colaborador efectivo da « Águia »?

Como é tudo ordinário na « Águia », se ella tem sido feita por Afonso Lopes Vieira, Antero de Figueiredo, António Arroio, António Carneiro, Augusto Casimiro, Augusto Martins, Cervantes de Haro, Cristiano de Carvalho, Fernando Pessoa, Gonçalo Sampaio, Henrique Rosa, Jaime Cortesão, João Augusto Ribeiro, João de Barros, João de Deus Ramos, José Malhoa, Leonardo Coimbra, Luiz Filipe, Malheiro Dias, Mario Beirão, Raul Proença, Teixeira de Pascoais, Teófilo Braga, Veiga Simões, Vila-Moura e outros?

Como é tudo ordinário na « Renascença Portu-

guesa » se ela é formada pela maior parte dêsses colaboradores da « Aguia » e mais por Guerra Junqueiro, dr. Manuel Monteiro, Augusto Nobre, dr. Magalhães Lemos, Julio Costa, António Sergio, dr. José de Magalhães, dr. Luiz da Câmara Reis, dr. Alfredo C. de Magalhães, dr. Antonio A. Cortesão, dr. Cerqueira Coimbra, dr. Moura Bastos, dr. Angelo Vaz, dr. Adriano Gomes Pimenta, dr. Manuel de Castro, dr. Teixeira de Vasconcelos, Xavier Esteves, Virgílio Angelo, Américo Angelo, dr. Marques Guedes, dr. Larose Rocha, Centro Commercial do Porto, Raimundo de Macedo, dr. Romulo de Oliveira, Caldeira Scevola, Bernardino Vareta, etc., etc.?

Julgou o snr. dr. Julio de Matos que a « Renascença Portuguesa » e « A Aguia » se limitavam ao poeta Teixeira de Pascoais e ao Saudosismo? Não quiz dar á Saudade a verdadeira interpretação que lhe apresentou o autor do *Regresso ao Paraíso*? Sem dúvida que julgo ser Teixeira de Pascoais um dos primeiros elementos da « Renascença Portuguesa », mas não é só êle. E quanto á interpretação da Saudade, que me parece não ter sido vista pelo snr. dr. Julio de Matos como o devia ser, creio bem que Teixeira de Pascoais lhe responderá com brilho.

Ainda para justificar a nossa decadência literária e social, o snr. dr. Julio de Matos aponta o mal de andarem os novos rapazes influenciados pelos *Simples* de Guerra Junqueiro, (que o autor

considera muito inferiores á *Morte de D. João!*) e de Portugal viver numa attitude de inerte, olhos fixos no chão, a deixar correr o marfim na attitude do *Desterrado*, de Soares dos Reis!

Destas duas razões, não sei qual me perturba mais. A *Morte de D. João* muito superior aos *Sim-
ples!* O *Desterrado* simbolizando o deixar correr o marfim!

Por fôrma que, resumindo e para terminar, snr. redactor, a vida literária portuguesa actual, pondo de parte Sampaio Bruno, Basílio Teles e Teófilo Braga, que o snr. dr. Julio de Matos não quiz citar, resume-se á « *Aguia* », órgão da « *Renascença Portuguesa* », em que tudo é ordinário! Existe uma só corrente e essa má!

Vê-se bem que o snr. dr. Julio de Matos, como diz no principio da sua entrevista, se tem posto um pouco á margem das questões literárias.—A. A.

Porto, 5 — 9 — 912.

Do *Socialista*, de Lisboa :

Um inquérito

O snr. Lopes de Mondonça, num inquérito á vida literária, disse que não existe uma forte corrente literária, por falta do indispensavel estímulo, que são os leitores.

Leitores? É o que não falta. Mas lêem só as coisas que lhes não interessa, que lhes não fórma a intellectualidade, que lhes não faz desabrochar o espirito.

Livros? A maior parte do nosso público nem sabe o que isso é.

Agora anda meia cidade empenhada em saber como é que o *Saloio da Mouraria* matou o *Serafim da Bica*.

Isto é que instrue e que educa. O resto são lérias, nada mais do que lérias.

Da *Capital*, de Lisboa :

Poeira da Arcada

Um bando de literatos nacionais, que alimentam com suas prosas e versos uma bela revista, *A Águia*, e uma folha volante de combate *A Bomba*, trabalham frutuosamente para pôr de pé a raça portuguesa. Julgará muita gente que os conspícuos mancebos agitam um vasto arsenal de idéas, métodos e processos novos, a fim de, em harmonia com a dinâmica da civilização moderna, acordar da sua fatalista passividade a mortiça alma do nosso Portugal.

Nada disso.

Terapêutica simples, e por isso mesmo interessantíssima. Então? Tudo confiam os jovens taumaturgos da influência prodigiosa do saudosismo ou seja do culto da saudade! Com êste específico, que já pôs em voga algumas metáforas felizes e umas três entrevistas, calcula-se que em breve nós reentraremos no Paraizo Terral, guiados por Teixeira de Pascoais, a mais rica emoção lírica das actuais gerações literárias.

Assim os poetas com as suas arpas far-nos-hão

voltar aos felizes tempos em que as maçãs eram uma fruta divina e a humanidade cobria a sua nudês com os veus da inocência. É claro, as pessoas que se prestarem a dar o seu nome, para esta caravana de regresso devem desde já acreditar que a saudade é filha de Venus e da Virgem Maria e que Camões vai incarnar num vate trasmontano, casado com Nossa Senhora da Perpetua Tristeza.

Se alguém por aí encontrar o espectro de D. Quixote, diga-lhe que o pastor Maranos o espera ancioso, na serra do Marão, a fim de fixarem as linhas gerais do programa épico, restaurador e... reversal. A viagem será de lágrimas e arrependimento, inteiramente feita em águas lusitanas, contando-se que, para o efeito, o cándido Pereira de Lima proceda com a maior urgência á abertura do célebre canal que ponha em comunicação o Tejo e o Guadiana—dois rios que de tanto se amarem estão já mortinhos de neurastenia.

Aos bravos rapazes, todo o nosso apoio.

Do *Paiz*, de Lisboa:

Critico audaz

Diz o snr. Augusto de Castro, no inquérito á vida literária que a «República» está publicando:

«Tirem as figuras literárias extintas umas pela morte, outras pelo abandono da sua hegemonia literária, e além de não encontrarem *ideias representativas*, não encontrarão hoje literariamente em Portugal o que se chama *figuras representativas*».

Está bem aviado o ilustrado dramaturgo, autor do «Chá das Cinco», com os socios do elogio mútuo que ali no «café das 11 horas» se permuta ás suas próprias biografias para se publicarem no dia immediato nos orgãos de maior circulação.

Eles que acham que o Bulhão Pato era um me-díocre e Alexandre Herculano talvez toleravel...

Da *Montanha*, do Pôrto:

O que penso...

Do avêssô

A vida nacional tem aspectos diversíssimos que bem mostram o desequilíbrio de relações do indivíduo para com a colectividade. A febre dos inquéritos, avassalando todas as classes, tem evidenciado males que veem por bens e bens que muitos males fazem. Alguns inquéritos prestam serviços dignos de nota, porquanto, previnem males de maior. O divergir de opiniões acusa, quasi sempre, a falta de orientação dos indivíduos que se julgam a bitola ou craveira por onde se guiem, de futuro, os passos dos vários componentes das fôrças vivas da nação.

É justo e imprescendível que se oiçam e se consultem os elementos indicados como reflectindo e consubstanciando o pensar da maioria inquirida. Nem de outra fôrma se obviaria a desastres futuros, nem se daria remedio a dessidências prova-veis. Mas o que se depreende de quasi todos os inquéritos, ultimamente feitos, é que cada um puxa

a braza á sua sardinha, com o egoísmo irritante de não deixarem que os outros metam o bedêlho. Catedraticamente impõem o que ás conveniências do momento melhor apraz. Se aparece alguém que não esteja pelos ajustes com o criterio expellido nem pertença á irmandade do mútuo elogio é acoidado de parvoide antigo ou de cretino moderno.

Se me querem ver contente é dizerem-me que há quem não pense pela cabeça dos outros, visto sentir que entre os ombros oscila a própria, que se responsabilisa pelo que diga ou escreva. Se é um nome feito, ou marca intelectual acreditada, não me furto a espiolhar o que sentenciou, na esperança de que irei aprender alguma coisa da catedrice. Se me sinto logrado vou ás do cabo, achando-me repezo de lhe ter ligado a atenção que não merecia.

Estas divagações veem a proposito das respostas do illustre psiquiatra, dr. Julio de Matos, ao inquerito á vida literária, aberto pelo *República*. Sua Ex.^a disse algumas verdades, não há dúvida, mas, a par delas, quantas faltas de cortezia por tentativas que Sua Ex.^a desconhece por não as haver aprofundado! Melhor fôra que não falasse no ar, ou por subscrição alheia. Isto quanto ao que diz da *Renascença Portuguesa*. Sua Ex.^a que é sábio não ignora que Roma e Pavia não se fizeram num dia. Cale-se e espere... Agora o que diz a respeito de teatro, aceite um aperto de mão de quem sobre o mesmo têmea tem dito e escrito o mais que

se póde dizer do estado actual do teatro português.

Estou tambem ao seu lado quando insinúa que o nosso mal é repisarmos os figurinos literários franceses, quando bem perto de nós temos uma literatura essencialmente nacional no colorido e profundamente humana nos intuitos. Tem muita razão snr. Doutor: outro galo nos cantára, se em vez de trazermos debaixo do braço Marcel Prevost, Abel Hermant e Paul Bourget, lêssemos Pio Baroja, Perez Galdoz, Joaquim Dicenta e Luiz Bonafoux.

Quanto ao mais, snr. Doutor: na rapaziada que começa há pelo menos a pureza das intenções. Já é alguma coisa para um país que se libertou. —

José Simões Coelho.

Do Paiz :

Venha a nós

Um snr. José Simões Coelho escreve num diário portuense uma formidável diatribe contra os snrs. Julio de Matos e Lopes de Mendonça, porque ambos entendem que a nossa literatura está decadente quanto possível.

O sr. Coelho, (que por sinal é coelho bravo), ferra-lhes a seguinte dentada:

«E admiram-se de que apareçam novos, com ideias novas, não pensando como êles, que só trataram do *Venha a nós...*»

Parece inferir-se desta doutrina que os novos, com as ideias novas, só pensam no *Vá para vós*.

Aqui está um coelho que não gosta de roedôres e que só mastiga... para os outros.

Pois o caso é tão fenomenal nêstes tempos de egoismo, que chega a tornar-se singular o seu reparo.

Será o crítico um paranoico?

Mas, sendo assim, bem póde o snr. Julio de Matos, no exercício da sua humanitária profissão, praticar uma excelente obra de misericórdia, dizendo ao sr. Simões: «Venha a nós».

E é muito possível que o cure...

Da Fronteira, de Elvas.

Aguia, Renascença & C.^a...

No jornal dos inquéritos, queremos dizer no nosso colega a «República» inicia o nosso bom amigo Boavida Portugal mais um inquérito á vida intellectual do país, dando a palavra ao dr. Julio de Matos. Foi acertada a escolha, como o leitor observou tambem, não só porque Julio de Matos é um renomado especialista do grande mal de que enfermam as letras pátrias, se não que o ilustre diretor do Manicómio Bombarda, relaxando para o cisco das ruas certos patetinhas de renascenças várias, ordenhou as têtas dos super-Camões, de sorte que agora só poderão escrever... super-asneiras. Que Deus lhes pague, que dêles é o reino dos ceus.

Da Montanha:

A voz da incompetência

Julio de Matos e a «Renascença Portuguesa»

Nesta longinqua aldeia recebi hoje um número do jornal «República», onde o snr. Julio de Matos não acredita que atravessemos um período de renascimento literário.

Se tal crença fosse sinceramente apresentada como crença, nada teria a objectar sobre o caso tanto mais natural quanto é certo que é da natureza do fragil barro humano avaliar, pelas próprias fôrças, as fôrças alheias.

Mas Julio de Matos permite-se *afirmações* e essas revelam uma absoluta ignorância do assunto, que referem, ignorância, aliás quasi confessada pelo seu petulante proprietario.

Afirma o snr. Julio de Matos que vivemos a imitar os figurinos franceses, desconhecendo o pensamento inglês e alemão.

Afirma o snr. Julio de Matos que a literatura francesa só tem Anatole France e que o pensamento científico francês, sem valor, se mascára de títulos rebuscados.

Afirma que não temos romance, nem teatro, nem poesia definida.

Afirma que a « Renascença Portuguesa » se baseia na saudade, *sentimento depressivo e mórbido* e que todos os *rapazes* da « Aguia » cantam máguas, que êles próprios criam.

Afirma que Junqueiro está com os *rapazes* da « Aguia », porque desceu da « Morte de D. João » à contemplação da própria sombra nos « Simples ».

Depois propõe substituir o « Desterrado », de Soares dos Reis, pelo grupo de corneteiros das guardas republicanas, a contemplação, exaltação de vida e criação de valores, pelo galope frenético de cavalos desbocados.

No fim, quer que tenhamos fé e patriotismo.

Analisêmos:

A primeira afirmação é falsa, visto que é na poesia inglesa que mais parentesco existe com a nossa.

Com efeito, ela é menos límpida e lógica que a francesa, mas mais interior e comovida. Em filosofia, o pragmatista inglês, infinitamente abaixo do neo-criticismo, da filosofia da liberdade, da contingência e do bergsonismo, entrou em Portugal primeiro, e foi mais assimilada pelos espíritos superficiais e apressados. Em sciência, sabem os que pensam a serio nestas cousas, que a nossa lógica é estruturalmente mais exigente que a inglesa e, por isso, recebe os Kelvin, Maxwell, etc. de-

pois de tornados lógicos pelos Duhem, Poincaré, etc.

Quanto á Alemanha, abrindo os olhos é facil vêr a corrente de pensamento germânico que atravessa a nossa poesia, a nossa pedagogia nascente e o valioso pensamento especulativo que, com igno- rância do snr. Julio de Matos, existe em Portugal. A influência de Goethe, de Schopenhauer, de Nietz- sche, de Wagner, Schiler, de Kant, de Herbart, e modernamente, sobretudo de Wundt e, encoberta ainda mas profundamente eficaz, a de Eucken é evidente, ampla e fecunda.

A pobreza da actual literatura francesa não é tamanha que não seja sobretudo invenção da pim- pona ignorância do snr. Julio de Matos.

Tem poetas e tem prosadores, tem poesia, ro- mance e teátro, e, até em traduções portuguezas, isso se póde vêr e em edições ao alcance dos po- bres de dinheiro mas ricos de espirito. Quanto á sciência, em todos os ramos tem a França moderna supremas autoridades e a Alemanha o sabe, tradu- zindo os seus matemáticos, os seus filósofos, os seus biólogos, etc. São os Duhem, Poincaré, Bouty, Curie, Perrier, Couturat, Boutroux, Hamelin, Berg- son, etc., etc.

O que é moda é mudar de figurino e, em cal- çado, o inglês é melhor.

Depois vem a nossa pobreza, filha da pedan- tesca ignorância do snr. Julio de Matos.

Queira lêr Malheiro Dias, Antero de Figueiredo,

Teixeira Gomes, Raul Brandão, Vila Moura, Julio Brandão, Padua Correia, etc., e verá muitos prosadores, que sabem escrever e alguns romancistas de valor.

Quanto á poesia, excede o snr. Julio de Matos a paciencia duma crítica cortês, dá vontade de lhe pedir um pouco daquele pudôr e honra, que nestas coisas de letras, bem precisos são. Desafiamos o snr. Julio de Matos a demonstrar que leu os poetas colaboradores de «A Aguia». Nós afirmamos que o snr. Matos falou e opinou sem lêr — o que é sempre deshonesto e, no caso, malévol.

Demonstrêmos :

Diz o desatento doutor que esses «rapazes» cantam as tristezas que criam, que a saudade é um sentimento depressivo, etc.

Ora todos esses «rapazes» são optimistas e crentes. Uns são impressionistas da côr e da alegria pagã, da verde terra e do doirado sol. Outros, a maior parte, são as bocas nereidicas daquelas aguas religiosas, que são as correntes do espirito criador e confiante.

Nenhum deles tem tristeza como nenhum deles tem alegrias brutais, todos eles tem a melancolia confiante e vitoriosa.

Expliquemos :

O animal homem, com as visceras em mau estado e o vinho ao alcance da mão, acha este mundo um paraíso de delicias.

O animal homem com más víceras e vida difícil, acha esta vida um inferno de amarguras.

O homem humano vê a distância da sua vida ideal de fraternidade e justiça á vida real de cegueira e amoralidade. Como a arvore que pudesse refletir na distância das podridões das raizes aos aromas dos frutos.

Os fracos suprimem-se e acham que tudo é podridão e as flores e os frutos epifenomenos duma subjacente podridão real.

Os fortes sentem-se e ordenam-se o permanente esforço de erguer sobre a terra miseravel as flores ideais.

Vivem no heroísmo de consciências morais, que se afirmam e, nesse próprio heroísmo, bebem a luz duma vida supra-natural.

Neles e para eles, a vida é dramática e trágica. Dramática, porque a sua moral tem de romper e dominar a penedia dos instintos. Trágica, porque, neles, a vida suprahumana é exilada na indiferente natureza circundante.

Por isso a vida é, neles, melancólica; a sua attitude perante a vida é de livre afirmação de bem querer. Nem vencedores ébrios, nem vencidos atordoados; mas vencedores pelas suas heroicas afirmações num mundo que aparentemente lh'as inutiliza. Daí a sua confiança tocada da profunda seriedade das suas responsabilidades metafisicas.

Mas essa é a única alegria legítima e forte, a outra é a fisionomia do animal contente, que o pri-

meiro desengano volve em tristesa e suicidio. Para essa alegria é concludente o pessimismo de Schopenhauer.

Eis, snr. Julio de Matos, o que é a corrente desses poetas. E a « Saudade » é um sentimento e, como tal, pôde *cousar* no nível a que o pensamento o eleve. Em v. ex.^a parou no momento de chorar o passado, em Pascoais foi ao momento de ser a tal atitude melancólica de que falo.

E' Venus e Maria, é o supranatural na natureza, é o espirito na matéria, é a dúvida shakesperiana vencida mas sempre presente.

V. ex.^a entendeu isto?

Creio que não; é, no entanto, claro para aqueles que mesmo na saudade dum ente querido não vêem apenas um sentimento depressivo. E todos os simples, sem o veneno da grande civilização do galope e da guerra, o compreendem e sentem.

Isto está escrito pela tal gente *ordinária* da « Aguia », que na sua filosofia depressiva encontrou, no entanto, forças para combater de armas na mão pela Republica, que v. ex.^a comodamente esperava na sua *tebaida* do « Conde Ferreira ».

Quanto á regressão de Junqueiro, é o snr. Julio de Matos da opinião do boticário da minha terra e dum livre pensadôr desenfreado, que, tendo visto em casa de Junqueiro uma coleção de Christos, concluiu que ele estava *catolico e maluco*.

Se quiser demonstre que a minha exposição do caminho literário de Junqueiro é errada. Está no

« Século » da epoca daquela manifestação ao Poeta em sua casa, no Porto, quando lhe foi confiada a legação de Berne e está num livro ordinário dum ordinário escritor da « Renascença » e que aqui lhe vai mostrando os seus deshonestos erros.

Quanto ao « Desterrado », ele é grande e é nosso, porque ele é o tal exilado de que lhe falei, ha pouco.

Quanto á fé e ao patriotismo, é o snr. Julio de Matos muito exigente.

Quer uma literatura de ruido e movimento que dê *ganas* para a luta e depois quer fé e patriotismo.

O patriotismo só pôde existir, quando houver uma alma nacional; e uma alma é concentração, riqueza interior e não movimento e luta por si e só por si. Isso levaria á vida do burro de nora sêca, onde a sua filosofia o conduz, excelentissimo senhor!

Vilarinho de Tanha, 8 de Setembro. — *Leonardo Coimbra.*

Da *Capital* :

Poeira da Arcada

Um redactor da *Republica*, no propósito de apurar as modernas tendências da literatura nacional, tem-se dado ao incómodo de entrevistar os nossos homens de letras. Hoje coube a vez a *Gomes Leal*, o glorioso lírico das « Claridades do Sul » e ao mesmo tempo defensor e crucificador do *Anti-Christo*.

No seu entender de poeta sempre em evolução, Portugal vai em breve dar ao mundo o espectáculo de uma renascença literária.

Quem a promoverá? Os novos ou os velhos?

Gomes Leal decide-se por estes e em especial por si próprio.

Ora acontece que, no Porto, os literatos que versejam e proseiam na *Agua* também annunciam em sons hórridos, que estão grávidos de uma renascença. Como o leitor vê, o caso complica-se. A mesma maluqueira de conceber e criar ataca jovens e anciãos.

Como distinguir entre estes profetas do misticismo literário?

O melhor será deixal-os entregues a suas des-

vairadas mirabolâncias, porque o tempo lhes trará a cura de seus males. Ha meninos que começam a sua biografia nas estrelas e acabam-na amanuensalmente, fazendo de roda ou de prancha no mecanismo administrativo. Conhecemos mochos feics e tristes que na sua mocidade se ensaiaram para águias. O sebastianismo não morre nêste doce torção.

Da *Capital*:

A Nova Arte

Um jornal de Lisboa, a *República*, iniciou um inquérito sobre as tendências da moderna literatura portuguesa. Tenho passado pela vista algumas das respostas obtidas por esse inquérito, entre elas as dos srs. Teixeira de Pascoais, Augusto de Castro, Gomes Leal e João Grave, e as suas afirmações essenciaes estão longe de contentar o meu espirito e convencer a minha razão.

Com effeito, que préga o sr. Teixeira de Pascoais? Uma ressurreição do misticismo na arte; e no mesmo sentido se pronuncia Gomes Leal. Que diz o sr. Augusto de Castro? Que em Portugal não ha choques de idéas, mas lutas de personalidades. Que declara o meu velho amigo João Grave? Que as renascenças literárias surgem espontâneamente, sem dependerem da vontade dos homens.

Tudo isto me parece vago quando não absurdo, e eu creio que não póde haver por defeito num inquérito desta natureza que precisamente se destina a esclarecer nitidamente aos olhos dum publico as carateristicas dum assumpto que altamente lhe interessa.

Uma ressurreição do misticismo! Para que? Porque? Com que viabilidade? A prova de que essa orientação literária não se justifica nem se impõe está precisamente no fracasso que ela tem evidenciado, sobretudo na poesia, que melhor a pôde interpretar e reflectir.

Ha vinte anos que ella pretende dominar e não tem conseguido senão demonstrar a impossibilidade desse domínio. Tentaram-a os simbolistas; e o que ficou do seu esforço? Á parte algumas inovações de fôrma, o chamado simbolismo caiu sob o peso do ridículo e da indiferença pública. Apenas dois poetas, dentro dêsse movimento, venceram a sua personalidade, António Nobre e Eugénio de Castro; mas nenhum deles conseguiu fazer escola, iniciar uma época de renovação literária.

Postos de parte os europeis lampejantes do simbolismo, nebuloso no pensamento e berrante na expressão, procurou-se vasar o misticismo nos moldes da simplicidade. Um poeta o tentou: o sr. Antonio Correia de Oliveira. Resultado? Uma pieguice semsaborona e espapaçada, sem alma, sem nervos, sem vida. O snr. Correia de Oliveira também não conseguiu imprimir ao seu tempo o cunho desse misticismo, contra o qual reagem as energias dos homens e o character dos tempos.

Ultimamente Gomes Leal, na última phase do seu talento, lutou ainda mais expressivamente na ressurreição impossível. Quem leu os seus últimos trabalhos, o *Anti-Cristo* remodelado no sentido de ser a negação do primeiro poema, ou a *Senhora da Melancolia*? Ninguém; e, se alguém os leu, ninguém lhes seguiu a fórmula. A indiferença mais completa acolheu êsses trabalhos, como com indiferença igual teem sido recebidos os livros do sr. Correia de Oliveira, fóra dos círculos de elogio mútuo que os literatos formam para nutrirem a impressão de que teem um mundo entusiasta de admiradores.



Não! A sociedade moderna passa em frente dessas tentativas estéreis, encolhendo positivamente os hombros. Elas não falam nem á sua razão nem ás suas aspirações. Pois que! Estamos numa era maravilhosa em que não se faz senão preparar o futuro, em que a todo o momento uma nova invenção, uma nova descoberta, uma nova conquista, um novo progresso iluminam, como archotes acêsos, a estrada dêsse futuro; em que se não trata senão de suprimir as dissensões entre os homens, proscrever a sua miséria, eliminar a sua dôr; estamos numa era luminosa e sã em que se não pensa senão em arrancar a humanidade

a todos os fanatismos, banha-la na razão como num oceano fortalecedor e puro; em que a única guerra justificável é a guerra ao preconceito, á lenda, superstição e á mentira, recubram-a embora as mais formosas galas ou engrinaldem-a as flores mais belas, — e pensa-se só em ressuscitar o passado, arranca-lo ao museu das nossas recordações para o lançar na vida moderna, estátua que esmaga como um bloco, catedral que pesa como a pedra duma campa, beleza que envenena como uma sedução? Tudo na nossa vida, no nosso temperamento o repele. Senti-lo é sentir o contacto dum cadáver que gela o sangue nas artérias dos vivos.



Foi grande? Foi belo? A nossa grandeza é outra. A nossa beleza é outra. Mesmo que, em seus aspectos, não atinjam as que os séculos sepultaram, essa grandeza seria maior, essa beleza seria também maior, só porque a vida as anima. Grandes e belas foram as deusas que se coroavam de mirto e louros nas colinas radiosas do Olympo; grandes e belas foram as formosas e excelsas mulheres de formosura e encanto que o amor divinizou, a quem o genio conferiu a immortalidade da sua visão. Mas, mortos os deuses, inanimadas, na terra da morte, as heroínas de tanta paixão, quem não lhes preferirá o seio forte, o olhar em braza, o coração

palpitante, o sorriso em flor da mais humilde das camponezas, que sente, que ama, que irradia, — porque vive?

*

* *

E a renascença da arte em Portugal não há de constituir a interpretação desta vida fremente, em que, no cérebro da humanidade actual, germinam mais sonhos do que todos os que floriram na humanidade antiga, e no seu coração um sentimento mais doce do que toda a emoção que fez cantar os poetas que eram deuses como Orpheu ou génios como Petrarcha! E não há luta de idéas — diz o sr. Augusto de Castro. E essa renascença será espontânea; não dependerá dos homens — diz João Grave. Não há luta de idéas! Na realidade, não existe hoje outra coisa.

As idéas chocam-se, contorcem-se, no pugilato dos espíritos, a toda a hora, em toda a parte, numa ância de triunfo que a própria sociedade estremece ao fragor dos seus golpes. E é no cérebro dos homens que elas se geram, é o seu coração que as vivifica. Não são verdades reveladas, não são dogmas. São o fruto do pensamento tenaz, incessantemente elaborando as conquistas do futuro, — idéas de liberdade e de beleza, idéas de justiça e de piedade, idéas gigantescas como colossos, delicadas como flores, puras como almas, todas

empenhadas numa aspiração comum, que é a perfeição da espécie, redimindo o pobre ser humano das suas misérias, das suas opressões, dos seus martírios, pela criação dum mundo reconciliado e feliz em que as aves não cantarão mais docemente do que pulsarão, tranqüilos, os corações nos peitos pacificados e venturosos.

Não é um misticismo enervante, que afundou os espíritos em treva e em tristeza, não é a preocupação de tradições que a consciência moderna não aceita — que hão de inspirar e criar êsse mundo de amanhã, fortalecendo e interpretando os esforços e as aspirações do presente. É uma arte viril a que deve corresponder a uma humanidade progressiva. Ela surgirá das gerações novas, que por toda a parte a liberdade electrisa e a justiça seduz. Os cantos que se impregnam da luz das auroras são promessas de vida; aqueles que empalidecem e desmaiam, amortalhados na luz crepuscular, são soluços de morto em que só recebem lágrimas e saudades da vida que já se não póde viver. — *Mayer Garção.*

Da *Voz Publica*, de Evora:

Tretas e Letras

Ha tempos, meia duzia d'homens de valor, afeitos por inclinação artistica a coisas de letras, lembraram-se de fundar no Porto uma sociedade com escarradores, contínuos, estatutos, tendo lacrada na facharia a pomposa etiqueta de:—*Renascença Portuguesa*. E logo pelo país afora uma rustilhada de literatos patuscos, cambaleando sob desejos de fama, coçada pelas ventanias da vaidade, foi inscrevendo o seu nome e mandando adeantadamente a quota, no almejo secreto de encontrar abrigo contra a violencia dos donos, sob as prescrições altruistas e humanitarias da lei reguladora da casa. Tornaram-se assim, aqueles 6 ou 7 iniciados, mandões duma grande sociedade benemérita de animais que, de forma alguma, teem direito de gosar esta vergonhosa protecção dispensada.

Não é mister deitar abaixo muitos calhamações de sociologia para reduzir ás verdadeiras proporções de banalidade ridicula, de empreendimento leviano embrionado em cérebros de ignorância estulta, os desígnios fantasticos da *renascença*. Alevantar as peanhas duma grande obra de arte dura-

vel e refulgente, restituir a uma literatura as galas perdidas nas batalhas da inteligência contra a mediocridade, trabalho não é que meia dúzia de maduros façam, por meio de estatutos e regulamentos. Um período de esplendoroso ressurgimento artístico nunca poderá existir sem a convergência poderosa duma multidão de causas, d'ordem vária, que a Sociologia rege com precisão.

A vida literária é o fiel espelho da vida política dum povo. Ela acusa em ímpetos de genial ascensão o florescimento do poderio popular sólidamente derivado da arreigada consciência de pátria.

Quando esta falha, a literatura desce ao postiço aviltante do gongorismo, á imitação dos pseudo-clássicos do século XVIII e, surgem os periodos de penuria e desnacionalização. O traço histórico percorrido de Pombal para cá acusa uma decadência altamente infame, já na desvergonha dos mandões, já na tolerância criminosa de todas as classes. O cacete miguelista derreou-nos a bordoadada bravia, e a violenta reacção liberal, que contra êle se ergueu, sofismada nas suas aspirações, levou novamente ao trono o sangue degenerado dos Braganças. Aquelas aspirações libertadoras da nação, que voltava após anos de letargo, á consciência dos seus direitos, foram precedidas pelo grande movimento romântico. O constitucionalismo, pelo decorrer dos tempos, redundou numa mentira. O poder absoluto subsistia ainda, arditosamente mascarado pelas praxes aparatosas duma *carta*. Come-

çam então a aparecer as ideias revolucionárias ao mesmo tempo que na literatura se salienta a escola *dissidente*, revolucionária na sua essência também. Poderemos ainda, de certo modo, considerar como continuação do movimento de Antero e Braga o parnasianismo de Junqueiro, Azevedo, Crespo e Penha. Depois o estado político torna-se cada vez mais deprimente e falham as tentativas revolucionárias preparadas para pôrem cobro ao deslavamento imoral dos mandões. Com êsses fracassos muita esperança morreu e daqui veio o indiferentismo desolador que avassalou o país e que teve como resultante na literatura uma corrente pessimista, manifestada nas obras de Antero, Nobre, José Duro, Cesario e ultimamente Larangeira. Temos portanto historiado até aos nossos dias, muitissimo por alto, a evolução politica e literária dos últimos tempos. Faz-se o movimento de outubro e, como todos os movimentos políticos desta natureza, são precedidos de períodos de esplendor literário, anda por aí todo o mundo de ventas no ar a farejar renovações literárias, que, a meu vêr, não existem. Viria então o movimento de outubro, isolado, ferindo assim a lei histórica nunca desmentida?

De forma alguma. A revolução corresponde o movimento literário prégado por Antero, Braga, Junqueiro, Leal e em campo diferente por Silva Pinto, Ramalho, Eça e Fialho. O movimento renovador já passou e todo o borborinho que por aí

vai não tem razão de ser. Os processos artísticos que hoje preocupam as modernas gerações são inteiramente diferentes, posto que as aspirações, até certo ponto, se identifiquem. E, para ver que se não confundem, basta êste argumento:—A corrente literária passada foi demolidora; demolidora foi também a revolução. Da revolução nasceu a República que necessariamente terá de construir com o material da derrocada um edificio novo. Logo a corrente literária que paralela germinar será também construtiva, aliás, além de desmentir a lei histórica, teríamos uma confusão diabólica e incoerências de pasmoso estrondo entrechocando-se a dentro do meio social. Haveria a falta de orientação nas energias vitais da nacionalidade, as grandes correntes impulsoras em vez de marcha paralela seguiriam caminho á tôa, atropelando-se, combatendo-se, e tudo viria a finalizar numa balburdia de saracoteio macabro, nunca vista á face da terra.

Esta é a verdade dos factos, o mais... *words...*
words... palhada... palhada... traduzirei eu.

Vidigueira, Setembro de 1912. *Garcia Pulido.*

Das *Novidades*, de Lisboa :

IMPRESSÕES

Prata da casa

Um inquérito á vida intellectual portuguesa, que anda a ser publicado na *República*, tem demonstrado—pelo que já veiu á letra redonda,—que isto é país de nulidades e que melhor seria não mexer em assunto tão melindroso.

A vida literária nacional !

Mas se a literatura entré nós é um snobismo, para que dar-lhe fóros de profissão honesta ou de mentalidade séria, com peso na balança da nossa existência intellectual ?

Veja-se o mercado de livros:— uma pobreza franciscana. Em verso, temos o poeta Camacho; em prosa, o narrador insulso; no teatro, o *pasticheur* infeliz.

Não é, de certo, com esta *trempe* que nós iremos longe. Tirando meia dúzia de figuras de alto relevo e cunho, já um pouco apagadas pela distancia a que nasceram,—silhuetas do passado,—o que vêem os senhores para aí que mereça o monumento da nossa admiração ?

O snr. Adolfo Coelho diz hoje «que não temos direito a saudar a aurora de um verdadeiro renascimento literário».

E tem razão. Essa aurora está ainda nas trevas.

Mas se o sábio filólogo conhecesse uma senhora das nossas relações. . . Essa, sim, é que merece a pena ser saudada!

Da *Capital*:

Poeira da Arcada

O snr. Adolfo Coelho é um sábio, nos domínios da psicologia étnica e individual. A sciência, porém, não o absorve por completo, de sorte a tranca-lo no isolamento e no silêncio. Caladamente vai seguindo a marcha das coisas, em Portugal: observa, anota, critica e comenta. Quando os outros supõem que ele lê o seu Kant, alheado das farças dos pacóvios e das cavalagens dos arreburri-nhos, enganam-se.

O seu espirito é malicioso, agressivo mesmo. A sua sabedoria morde como uma pinça.

Depois, o snr. Adolfo Coelho tem uma crença absoluta no seu ser, parecendo-lhe que tudo o que está para além da própria órbita são homúnculos e parvajolas. A sciência—a genuína, a puramente filológica—canta dentro das barreiras do seu crâneo; o que os outros teem no caco são metáforas pescadas ao anzol, nas aguas turvas da Sofística. Nestas condições de culto pessoal, compreende-se que ele julgue os seus contemporâneos com algo de acidez.

Antero e Theófilo padeceram sempre de megalomania.

Junqueiro passou de fabricante de orações a fabricante de calda bordeleza.

Tomaz Ribeiro ensaiou-se para Camões, mas nunca passou de uma espécie de vate diplomado, truculento nas rimas mas, no fundo, dôce como um cisne.

A filosofia, na faculdade de Letras, apesar de apresentar fumaças de definitiva, ignora a primeira palavra de lógica e psicologia, etc., etc.

E assim vai seguindo o sábio, dando com frequência ferroadas nas basófras dos seus semelhantes. Nós, porém, preferíamos que a sciência no estudo e na meditação consumisse os seus dias. As lucubrações e vigílias ficam-lhe a matar. As polémicas arrazam-na. Apenas começa a dar á taramela, arde Troia! A vaidade dos sábios é peor que a cólera dos deuses. As academias transformam-se em vespeiros. Os exegetas, ordinariamente mudos como os papiros que decifram, dizem coisas atrevidas que são uma vergonha. Os astrólogos rugem como leões. Os poetas, que geralmente falam a linguagem das esferas, acabam por se exprimir na gíria pútrida das velas. E assim a vaga espiritualidade que a inteligência vai derramando sôbre o mundo, aclarando horizontes e sondando profundezas, desfaz-se como uma neblina subtil, logo que a ira e a paixão obstinada entram nos peitos serenos dos filósofos, dos doutos e dos mestres.

Do *Primeiro de Janeiro*, do Porto :

Cartas de longe

Um jornal de Lisboa iniciou um inquérito á nossa vida literariá. O primeiro a expôr a sua opinião foi um notável psiquiátra, talvez porque a redacção entendeu que todos os homens de letras seriam seus clientes. Como ironia não ofende e poderia passar pela originalidade, se o sr. dr. Julio de Matos se limitasse a admirar o que se ha feito, dizendo o que em ocasiões semelhantes se tem dito: — meia duzia de lugares comuns á roda das grandes obras consagradas pela crítica. Mas não. Enrodi-lhou-se o distinto homem de sciência numa pesada manta de pessimismo, que o fez transpirar hesitações e dúvidas até ao ponto de afirmar que não temos prosa e não ha poesia.

Arredado das letras como ele próprio se confessa, o sr. dr. Julio de Matos hostilizou de preferência nos seus remoques a geração nova que com toda a fantasia apontada pelos mercieiros das letras conseguiu ainda assim fazer já muito mais do que se esperava. E não querendo vêr os esforços e as iniciativas generosas a que a mocidade tem dado o melhor da sua energia, apodou de *ordinária* a sociedade de homens de letras que sustenta

«A Águia» e não se referiu ao menos á geração de Coimbra, geração forte e util que tem o orfeon academico, sustenta duas revistas «Dionisos» e «A Rajada» e tem promovido esplendidas festas de arte e lições de vulgarisação scientifica.

Nas réplicas originadas pelas declarações da «República» tem-se tratado sobretudo de responder á parte referente á «Renascença Portuguesa», e na enumeração dos talentos e dos nomes muitos têm ficado sob a invejasinha dos valentes, envoltos num etc. apressado e redentor.

Em especial de Coimbra ninguem se tem lembrado nos muitos e longuíssimos artigos de defesa que hei lido em várias folhas.

Ora, na actual geração, entre os colaboradores das revistas citadas destacam-se pelo seu mérito real Afonso Duarte, Joaquim Manso e Correia Dias.

O primeiro é o extraordinário poeta a que a côr dá alucinações criadoras como nessa admirável «Tragédia do sol Posto», em que os nossos olhos descobrem serpentes de nervos, ora presas de singulares encantamentos, ora coleando, desprendendo-se ébrias de oiro e de fogo, numa ginástica heroica.

Ha na pureza serrana dos seus versos ritmos de águas correntes e embalos do povo. A natureza floresce e canta nas suas rimas. Ninguém ainda foi melhor pintor no poente e esculptor no crepúsculo. Nos «Episódios do Sol e das Sombras», poema ar-

quitectado superiormente obedecendo a um plano maravilhoso de visão, modelaram suas mãos as atitudes curvadas que o crepúsculo revela dos caprichos da sombra.

O campo e a montanha, na grandeza dos seus motivos e no enternecimento dos seus enlevos, deram-nos o «Romanceiro das Aguas», que deve sair breve da Livraria Ferreira, de Lisboa.

— Joaquim Manso é um escritor de orientação, analista profundo e organizado, consagrando-se aos estudos sociais depois de muitos anos de luta jornalística em que se afirmou o seu poder combativo.

— Correia Dias é o caricaturista inexorável, duma correcção de fôrma que mais ninguém possui, com enormes faculdades de trabalho e de observação. Sem escola, original e bizarro, o seu lapis tem dito quanto vale pelas páginas das revistas.

Estes, para não citar Garcia Pulido, Ribeiro Lopes e outros que sabem escrever bem, que têm escripto bastante e mesmo na exiguidade das páginas dos jornais e revistas hão afirmado qualidades de prosadores notáveis.

Albagada, 13 — IX. — *Nuno Simões.*

Do Paiz :

Uma interessante lição

Um jornal da noite lembrou-se beliscar no snr. Adolfo Coelho.

Com franqueza, não vêmos em quê.

Não ha sábio mais completo do que snr. Adolfo. Recordam-nos muito bem.

Aqui ha uns anos, íamos ouvir as suas lições. Uma delas versava sobre os primeiros gramáticos.

S. Ex.^a falou uns quartos de hora sôbre Nebriga e mais companheiros e, de repente, sem explicação possível, declarou aos alunos que tinha em casa dois gatos que faziam luta grego-romana.

Outra vez tambem achou grande analogia, entre *Mastro da gávea* e *Vasco da Gama*.

Interessantes e profundas aquelas lições! Sciência mal arrumada!...

Não se meta com o sábio, colega, que ele é naturalmente peludo!...

Do *Intransigente*, de Lisboa :

Os da Renascença

O barulho que se tem feito nos jornais, em volta dos intellectuaes da «Renascença Portuguesa» ! Sabe o leitor que se trata daquello grupelho de mancebos geniais de talento sem limites e saber incomensuravel, que se constituiu no Porto, disposto a salvar o país pelo Saudosismo e outras drogas da mesma espécie e que teem uma revista onde expandem o que lhes vai no cérebro. Contentes que eles devem andar, a verem-se alvo das atenções de milhares de pessoas que cá de baixo os contemplam pairando nas alturas a despejarem saudosismo cá para os simples mortais !

Quem sabe se á força de se verem admirados, se resolvem a olhar com mais benevolência para os operários a quem, das alturas, chamaram olímpicamente «sub-gente».

«Sub-gente!» E ha padeiros que levam uma noite inteira a fazer pão para os olímpicos comerem !...

Da *Capital*:

Teatros

Nota do dia

Os homens de letras consultados no inquérito da *República*, sobre a renascença da literatura portuguesa, são todos concordes em dizer que não temos teatro nacional. Na verdade talvez o não haja; mas a verdade é que nunca se escreveu tanto para ele como agora. Se o nosso teatro não tem hoje unidade literária, se nele se não distinguem escolas—que de resto nunca existiram em Portugal—tudo isso provém exclusivamente de que o ser escritor dramático entre nós não constitue uma profissão. Significará para uns um sarampo que os cocéga às vezes; para outros, que trabalham como forçados, quasi ininterruptamente, não representa senão uma ajuda á vida corrente que eles tratam de estabelecer sólidamente noutra ramo d'actividade.

A literatura dramática não sustenta, menos póde dar desafogo e riqueza. Autores temos por aí com vinte e cinco ou trinta peças exhibidas, somando alguns milhares de representações que, de todo esse trabalho, por mal remunerado, não

puderam tirar senão o subsídio para necessidades de momento.

Se o teatro pudesse dar a quem o cultiva uma vida larga e desembaraçada de cuidados, se uma única peça por ano, caso agradasse, garantisse ao seu autor um passadio comodo em que pudesse tranquilamente gisar uma peça, estudá-la a fundo, observando e lendo, alimentando o espirito com viagens, com a consulta de bons autores, com tudo enfim que póde dar uma reserva de ideias e formar uma intellectualidade, então creio bem que teríamos o direito de exigir aos nossos escritores de teatro aquilo que hoje se lhes exige arbitrariamente. Tal como se exerce em Portugal o mister de autor, o que se produz representa um louvável esforço e por vezes um trabalho respeitável. — *O porteiro da geral.*

Do *Mundo*, de Lisboa :

A «Renascença Portuguesa», e um inquérito literário

Uma resposta do poeta Teixeira de Pascoais ao escritor Julio Brandão, do Porto

A «Renascença Portuguesa», bem intencionada associação de literatura, arte, sciencia e crítica social, que no norte se fundou, vem sendo ultimamente muito injustamente combatida por quantos com o assunto mais ou menos se interessam, porque saibam lêr e escrever ou simplesmente porque possuam a idiosincrasia da *má lingua*. Um colaborador de uma antiga gazeta monárquica do Porto, o sr. Julio Brandão, autor de vários livros e de um drama, convidado a depôr num inquérito literário algures iniciado, permitiu-se tambem atacar a «Renascença» e o poeta admiravel que é Teixeira de Pascoais, para não fugir ao *parti-pris* que resolveram adoptar os *consagrados* contra aqueles de cuja sombra porventura se arreceiam. Fê-lo, porém, por tal fórma, o escritor do norte, que o isolado poeta Pascoais não pôde deixar de descer da pacatez das suas montanhas á buliçosa arena da polémica lite-

rária, num legítimo e justo desforço a que foi recusada publicidade *por estar fóra de todas as praxes*, como se nestas questões de apreciação literária e artística forçoso fosse obedecer... a praxes. Assim Teixeira de Pascoais enviou-nos a sua defesa, que é como segue:

Tem a palavra Teixeira de Pascoais

Acabo de ler uma carta de um tal João Brandão, emérito facínora que ressuscitou agora, degenerado, atenuado, usando, em vez do clássico bacarmate, uma pobre pena de pedir...

Este Brandão, na sua qualidade de autêntico jumento enfurecido, atirou-me meia dúzia de coices misturados com algumas infâmias e mentiras, sob o título de *Inquérito literário*... Quanto aos coices nada direi... por misericórdia... Eu sei a dôr que eles traduzem:... Este Brandão, na mais simpática inconsciência de animal que, de vez em quando, orneia pretendidos lirismos de almanaque, ruidosamente revelou a tal esporada que o fez escoicear. *Não me referi ao mísero poetastro na minha resposta ao inquérito literário.*

Mas quem é o sr. Brandão? Um pobre fazedor de imagens mais ou menos poéticas, ôcas de emoção e sentido: — um poeta de sons banais que nada dizem. Um certo brilho literário, puramente exterior e de verniz barato, servido por uma retórica aparência ruiva que, á primeira vista, ilude. O sr.

Brandão é quasi nada... Como poderia eu, em minha consciência, colocá-lo ao lado de poetas como António Correia de Oliveira, Jaime Cortesão, Afonso Lopes Vieira, Mário Beirão, etc.? Absolutamente impossivel! De mais a mais, vejo agora que o seu lugar não é entre os poetas nem mesmo entre gente honesta. Pertence-lhe um lugar que seja porco e tenha mangedoura. Vejamos, para justificar estas palavras, as infâmias e mentiras contra mim vomitadas. A primeira infâmia é a intriga que ele, num autêntico momento facinoroso, quer urdir entre a minha humilde pessoa e o meu grande amigo de ha muitos anos, o grande poeta Guerra Junqueiro, afirmando *que eu lhe queria mal quando fui franquista*. Que duas vilissimas mentiras! Sobretudo a primeira! A segunda é para mim uma coisa secundária. Todavia direi ao sr. Brandão que, em 1904 e 1905, fui um dos fundadores da primeira comissão municipal republicana de Amarante. Mas a politica pouco tempo me interessou, entregando-me completamente ao meu trabalho literário, que tem a subida honra de não ser compreendido nem estimado pelo sr. Brandão. Desafio o emérito malandro a que apresente algum facto demonstrativo da minha inimizade a Guerra Junqueiro, e de que eu militei no franquismo, ou que, a favor dele, pratiquei qualquer acto.

Mas o vil poetastro de insípidas cantigas, tal é o ódio que me dedica, tenta indispôr-me com Guerra Junqueiro e com os poderes constituídos.

Porque não foi o sr. Brandão apontar-me á policia como conspirador? O seu ódio venenoso ficaria mais satisfeito e praticaria qualquer coisa de muito conforme ao seu carácter. Eu inimigo de Guerra Junqueiro e franquista!! Que duas vilissimas mentiras! Quem havia de dizer que o sr. Brandão, sob aquela adocicada e romântica aparência, escondia tão ruíns entranhas? Ah, mas o que é o instinto adivinhador... Por isso, eu me afastei ultimamente do poetastro, deixando de lhe oferecer os meus livros. O que imaginava ser desleixo meu, era, afinal, um puro pressentimento do pequenino tigre que o sr. Brandão esconde dentro do peito. Mas o misero animal raivoso não se ficou por aqui. Mente ainda quando diz que eu maltrato sempre João de Deus, esse angélico Poeta adorado de todos os portuguezes. É assombroso como se mente assim! E para quê? Talvez para me indispôr tambem com o filho illustre do divino lírico do *Campo de Flôres!* Dir-se-ha que o sr. Brandão é a própria Maldade, loira e de olhos azues... para disfarçar.

E continúa a mentir quando insinúa que eu não considero Manuel da Silva Gaio, Eugénio de Castro, João de Barros, Augusto Gil e Fausto Guedes. Não falei destes belos poetas porque a minha resposta ao inquérito literário foi muito ligeira, e apenas me referi áqueles que mais integrados estão na nova poesia religiosa de Portugal, poesia que não foi, não é, nem será para o

sr. Brandão, insignificante romântico de 3.^a classe. O eu não falar neles nem no sr. Brandão, pôde parecer que os considero a todos igualmente. Sim, vejo que andei mal, pois seria um sacrilégio irmanar um simples imbecil, mais ou menos harmonioso com poetas como Eugénio de Castro, João de Barros e Augusto Gil. Seria um sacrilégio! Além de infâmias, coices e mentiras, o mesmo João Brandão, para mais honrar este seu verdadeiro nome, dirige-me ainda algumas injúrias, chamando-me Boudhasinho de ponta e mola, tartufo, mistificador. Sobre este ponto espero que o duvidoso poeta e autêntico bandido se explique. Se o não fizer, servir-me-hei dos outros meios em uso.

Quanto ás imbecilíssimas larachas ao saudosismo, estão na lógica da sua estupidez, assim como as suas infâmias se casam perfeitamente com o seu carácter odiento, invejoso, sempre abarrotado de maguada vaidade insatisfeita, essa vaidade dolorosíssima, terrível, de impotente, de estéril que se não conforma... E chama-me vaidoso, a mim, o malandrete! É próprio das ínfimas criaturas que só teem vaidade ver este mau sentimento em toda a gente. A imaginária vaidade dos outros é para elas um limite imposto á sua vaidade, e, por isso, uma cousa insuportável que asfixia. Deixemos, por agora, a miserável alminha de víbora que já, uma vez, se atreveu a elogiar-me no extinto *Diario da Tarde*, do Porto, quando publiquei a «Vida Etérea».

Terminarei transcrevendo este período do aludido jornal:

«Teixeira de Pascoais é de ha muito um poeta na mais nobre, na mais íntima significação deste nome...»

E este:

«Vida Etérea» de Teixeira de Pascoais — um dos mais admiráveis livros de versos que se teem publicado em língua portuguesa».

E ainda este:

«Ha nos seus poemas um panteísmo transfigurado por Jesus. E o seu amor a quanto é humilde e obscuro, os olhos com que fita e a comunhão em que vive com o antigo segredo das cousas, fazem do autor um poeta que não póde interessar egoístas nem estúpidos, mas que tem entre os seus camaradas das últimas gerações — onde ha grandes poetas — um lugar que ninguem lhe obscurece». (*Diario da Tarde*), de 4 de setembro de 1906, n.º 203.

Veja o leitor a sinceridade e a seriedade do homem!.. — *Teixeira de Pascoais*.

26 — 9 — 912.

Do *Mundo*:

Polémica literária

Publicamos a seguir um artigo do illustre escritor Julio Brandão, em resposta a Teixeira de Pascoais. Sabemos que a demora no aparecimento deste artigo teve como razão ter aquele escritor enviado o artigo a um jornal onde se iniciou a questão e que o não publicou. Tendo O Mundo publicado o artigo de Teixeira de Pascoais julga-se no dever de publicar o de Julio Brandão.

Acabo de ler no *Mundo* uma resposta desopilante de Pascoais ás minhas opiniões desassombradas e claras ácerca da sua pessoinha grotesca e venenosa. O maior poeta da Europa perdeu a cabeça. É um garotote de aldeia, com a fralda de fóra, a chamar nomes e a atirar pedras. Um fiasco miserável, como argumentador e como polemista. E afinal incomoda-me—esta é a verdade!—havê-lo inutilizado tão de pronto. Pascoais não se póde perder depressa: é divertidissimo.

Numa prosa de Aljube, Pascoais chega a chamar-me, entre outras coisas amáveis, faciunora e bandido. E torce-se, arrepela-se, escabuja epiléti-

camente. Cuspilha como um sapo calcado; enreda como D. Bazilio. Confesso que é dramático o espectáculo que está dando Pascoais. Como ele espuma, ao morder o freio que o domou com boa mão de redca! Sempre é util ter dado algumas lições de equitação; ninguém está livre de se ver obrigado a ter de « ajoelhar » um Pascoais!

Desta feita o *aria* desaparece de todo naquella prosa vilissima—um vômito de boleeiro. Desmascarou-se facilmente o dulçoroso poeta. Deu o que eu disse que ele lá tinha dentro; estou a considerar-me um razoavel psicólogo... A alma esverdengada esvurmou sujidade, sem poder reprimir o esguicho fétido. S. Francisco de Assis, na pessoa do idiota era uma figura de carnaval pelintra. Por baixo do hábito de franciscano humilde e poetico, só havia perfidia, mentira, vaidade estulta, baforadas sórdidas. Era uma fossa—coberta com flores de papel. Lá lhe foi a bondade e o génio, com seiscentos demónios. A terra lhes seja leve!

Ficou apenas o mariola a estrebuchar, com a vaidade em trapos. A bexiga de porco estoirou. O trono de papelão rebentou. Um cataclismo! Á minha crítica serena e á ironia que o fustiga, responde com pedradas de fundibulário aos bordos. Vem a ganhar e a coxear. É infinitamente píffio—e absolutamente indigno de um semita, que trazia nas veias em compota, a Virgem Maria e o Cristianismo ancestral. Vou responder a rir, consoladamente a rir, porque o energúmeno é único debaixo de toda a

roda do sol. Deus lhe dê vida e saude — e versos, e crítica, e trabalhos sobre raças! — para que nos desça sempre, a alegrar-nos o caminho, o hilariante chuveiro das suas parvoíces! Deus lhe dê vida e saude! Que incomparavel escritor e que budista! Tambem me chama jumento.

Vamos a umas coizas... Pascoais diz que eu o quero indispor com Guerra Junqueiro e com o filho de João de Deus. Falseia até, mentindo, a transcrição de palavras minhas. Esqueceu-lhe acrescentar que tambem pretendia malquistá-lo com os sobrinhos de Garrett. O pateta tem o delírio de perseguições. Evidentemente é um caso de mani-cómio. Eu afirmei que da Obra prodigiosa de Junqueiro, num gesto generosamente ariano, Pascoais apontára com o dedo insigne e paternal apenas um trabalho; eu afirmei que nunca esse pedante que dirige a «Renascença» citou João de Deus entre os poetas portugueses «que o são», como ele tem escrito. Ora Pascoais não nos diz a razão por que os *Simples* (e eu agora acrescento a *Pátria*) se não podem integrar nos... *árias* e nos *semitas*; tão pouco indica onde citou, uma vez que fosse, o grande poeta do *Campo de Flores*. Não diz nada, não discute, não sabe que volta lhe ha de dar. É uma entaladela respeitável, concordamos. E irrita-se porque lhe chamo mistificador. Que pedaço de asno!

De Garrett tambem não diz nada, pela palavra nada. Em tudo torce o bico ao prego, a suar em

bica. Dos Arias e dos Semitas o eminente etnógrafo guarda, de fórma idêntica, um silencio afflitivo. É uma catacumba de estupidez e de ignorância. Ácêrca de poetas que desdenhava, sinuoso e pérfido, vem prestar-lhes agora a sua homenagem tardia. Não falou deles «pôrque a resposta ao inquérito foi ligeira, etc.»—E das outras vezes, que foram numerosas? Onde perderia o tartufo a vergonha?! Agora, depois dos meus reparos, já nos vai citando os réprobos... Já entra na última lista João de Barros (!) e Augusto Gil. Uma candura de flôr silvestre! Ah! se nós quizéssemos dizer o que ouvimos a Pascoais a respeito de algumas pessoas que hoje turibúla, á cata de elogios! Se quizéssemos descer á intriguinha de alfurja, em que se êle compraz! Porque nós conhecemos a alma do vate em seus meandros. É tenebrosa e trágica. Quanto a me não ter citado, é sempre o mesmo ôdre de vaidade provinciana. Que me importa, pessoalmente, que Pascoais me cite? *Á quoi bon?* Mas nós havemos de conversar, noutras ensanchas, sobre toda a tremenda mixórdia estética, que o torna nêsse campo rival do Rosalino, criatura afinal em extremo simpática. De resto, é deplorável que Pascoais comece tão cêdo a dar a mão á palmatória—a mão que aponta os astros sempiternos!

*

* *

Sem um raciocínio em termos, sem uma resposta concludente, Pascoais, como já disse, ataca-me com infinita pilhéria. Até me chama João Brandão, e fala num bacamarte. Tarrenego, diabo! Ora o sublime antropologista, se fosse inteligente, tomava outro caminho. O director de um grande renascimento literário e filosófico — esclarece a sua vasta filosofia, grava, em caracteres eternos, os cánones da sua arte perturbante.

Além disso, um panteísta tão lindamente compadecido pelas ervinhas rasteiras, pelos bróculos, que vai comendo guizados, pelo escalracho e pelas abóboras meninas; tão lacrimoso pelos bichinhos que sofrem (sempre Budasinho), por todos os seres humilimos da criação — que vai explorando e vai cantando em versos trôpegos, á sanfona—um *ária*, repito, não acoima de bandido um seu semelhante, que é um homem e que lhe provará em toda a parte que o é. Oh! mas é um homem que ri e que se consola extraordinariamente quando pratica um acto de justiça, atirando a baixo da tribuneca de arraial, o patarata que quer impingir um elixir de bôrra, que anda a crismar de «puro génio de raça, de saudosismo, de Nossa Senhora da Lembrança...» Um homem que fala claro e alto e não baixinho e sorna, mas que não atura um funâmbulo de bar-

racão, que pelos seus berros de regateira perdeu irremediavelmente o equilíbrio.

Pois quê! Pascoais até clama que o queremos indispor com os poderes constituídos. Não ha dúvida: está febril, precisa de repouso. E compreende-se, na verdade, que assim seja. Ainda lhe deve parecer um sonho tudo isto! A apologia indirecta da força, nos tempos do franquismo, não se harmoniza em extremo com a criação, pouco tempo antes, de uma comissão republicana... Eu ouvi mesmo dizer que o jacobino de 1904 e de 1912 fôra administrador monárquico. Não afirmo, ouvi dizer; e se assim é — *pro pudor!* — «singularidades do tempo e da fortuna!...»

Mas vamos ao quê importa, visto que a política é para Pascoais «uma coisa secundária...» Como archivasse umas palavras minhas, escritas ha anos a propósito de um seu livro, o sujeito julga fulminar-me. Até nisso é infeliz. O livro tinha duas poesias bonitas, e não era ainda do maior poeta da raça. O «delírio» veio depois. Fui, portanto, generoso. Mas o caso típico é que Pascoais, na dedicatória dêsse volume, como nas de vários outros e ainda em cartas—me encheu de elogios hiperbólicamente tocantes, como poeta e como prosador. Não posso transcrever já essas lamúrias, porque escrevo da provincia, onde estou ha tempos. Agora sou, porém, para Pascoais «um romântico insignificante e um imbecil», etc. *Veja o leitor a sinceridade e a seriedade do homem!*

Basta, por hoje. É provável que Pascoais venha a ter, aí por fins do século corrente, uma apoteóse nacional. Teve-a Herculano, que não sabia coisa nenhuma de raças, e Garrett, que não valia dez réis de mel coado. O solitário do Marão está a rever a sua obra...

Aqui lhe deixo, desde já, as minhas felicitações. A justiça imanente espreita Pascoais. Os pirotécnicos do futuro farão para esse dia, que entrará nas grandes efemérides do globo, peças de maravilha, dignas dos seus poemas—tudo fogo de artifício. E para lhe provar a boa vontade com que me associo a essa glorificação póstuma (e que Pascoais traz de olho) vou transcrever o epitáfio, ainda inédito, escrito por um dos seus panegiristas mais entusiásticos—para ser insculpido nos Jerónimos... Ei-lo:

Pascoais morreu :
Foi enorme ; foi Europeu !
E, uma coisa catita :
Foi Ária e foi Semita...
Foi maior
Do que Camões (tirando o Adamastor...)
Ele viveu feliz, sempre a afirma-lo.
Caminhante, se não o conheceste,
E nunca o léste,
Não leias ! ! É melhor acreditá-lo...

Julio Brandão,

Da *Capital*:

Nos domínios da arte

Uma das características dos novos tempos que para Portugal se iniciaram está na aparição dum grande número de novos que tentam os caminhos difíceis da arte em todas as suas manifestações. A primeira dessas manifestações no ponto de vista das soluções que encerra é evidentemente o teatro, e por isso não admira que para êle se dirija o maior contingente. Autores e actores dramáticos, encontramos já um elevado número de nomes que até agora não tinham soado aos nossos ouvidos e que despertam a curiosidade quando não um interesse simpático pela sua resolução, em que se adivinham, a par dos sonhos de vitória, todas as emoções do receio.

O que se dá no teatro observa-se noutras formas de literatura. O inquérito a que a *República* está procedendo sobre as novas fôrmas de arte em Portugal não dará um resultado nítido sobre o character e a significação dessas fôrmas, mas evidência um manifesto impulso espiritual, mostra que, de todos os lados, vagamente, obscuramente embora, se procura reatar a tradição literária d'êste país, rica em manifestações de talento e que ulti-

mamente parecia ter-se suspendido nas suas necessárias evoluções.

Quantos são, dos que abordam o teatro, aqueles que triunfarão? Quantos são, dos que tentam ou vão tentar o romance, a poesia, a crítica, aqueles que realmente verão coroadas de éxito as suas tentativas? Quantas verdadeiras aptidões se revelarão? O tempo o dirá, mas o que desde já com satisfação deve registrar-se é precisamente esta irrupção de gente nova nos domínios da arte, êste sangue jovem que a alma de ideal e vida, na qual se operará a selecção necessária, com que a literatura nacional deve enriquecer-se.

Não devemos sorrir de muitas dessas tentativas. Não devemos desprezar nenhum esforço. Todos os países em que a arte floresce teem uma multidão de cultores da arte a animar a sua vida intelectual. Porventura se imagina que a literatura, a poesia, o teatro na França ou na Itália, na Inglaterra ou na Alemanha têm só a cultivá-los a meia dúzia de nomes gloriosos que conhecemos?

São centenas, são milhares de espíritos ardendo na mesma chama, milhares de trabalhadores sucumbindo na obscuridade, ou porque a sua intelligência não vence na áspera luta das concorrências, ou porque tristes condições de meio lhes não consentem a vitória. Mas dentre êles é que surgem os artistas privilegiados que engrandecem uma geração e honram uma pátria.

Esta afluência de novós cultores da arte, entre

nós, é uma consequência lógica e necessária da implantação da democracia. Portugal resolveu o seu problema político, e na resolução desse problema andavam empenhados os que sentiam um sopro da arte bafejar-lhes a imaginação. A sua liberdade está assegurada. Resta o seu problema social, para cuja solução a arte fornece importantes dados, e sobretudo é necessário enflorar de beleza a obra da liberdade. Cumprido o dever cívico, que em todos os filhos de uma pátria só vê cidadãos, todos podem e devem entregar-se aos trabalhos predilectos do seu espirito. Fazendo-o, ainda servem a pátria, e acima de tudo o ideal, cuja aspiração sempre insatisfeita é o estímulo das grandes obras. É uma luta, embora incruenta, em que muitos dos que a ela se abalançam cairão por terra, mas donde se elevarão as figuras dos triunfadores.

Do Paiz :

Poetas de hoje

Veja lá o que são os poetas do nosso país nêstes tempos de prosa que vão correndo !

O snr. Dantas escreve a *Sevéra*, a célebre rameira das vielas que os fadistas dos antigos sítios da Cotovia immortalizaram nos seus fados chorados e plangentes ; o sr. Teixeira de Pascoais, ferido por umas apreciações do notável escritor snr. Julio Brandão, endereça-lhe este *madrigal* :

« Este Brandão, na sua qualidade d'autêntico jumento enfurecido, atirou-me meia dúzia de couces, misturados com algumas infâmias e mentiras sob o título d' « Inquérito literário »

« Êle orneia pretendidos lirismes d'almanaque e ruidosamente revelou a tal esporada que o fez escoucear » .

« Desafio o emérito malandro, o mísero animal raivoso, um simples imbecil, duvidoso poeta e autêntico bandido, a que se explique. E chama-me vaidoso a mim, o malandrete » .

Que lirismo, que inspiração, que tanger d'harpas eólias!...

Nem regateiras de tamancos na praça da Figueira ou do Bolhão!...

Do *Sindicalista*, de Lisboa :

Na linha de fogo

Uma renascença literária

Fundou-se ha tempo uma sociedade de exploração... literária denominada «Renascença», cujos fins consistem em promover a maior cultura do povo português, provocando adrede um renascimento literário e artistico.

Que é que isto significa, um renascimento literário regulamentado por um estatuto com os seus artigos e parágrafos, com seus comités e sucursais, as suas quotas e os seus associados?

Até aqui sabíamos de escolas ou correntes literárias determinadas pela eclosão de novos métodos e processos que vinham revolucionar paralelamente a técnica e as idéas, movimentos êsses tendo por centro irradiante ou uma excepcional mentalidade típica ou mais frequentemente, e mais conforme á realidade, um núcleo d'atividades creadoras que, assimilando certos princípios filosóficos, rasgavam através dêles novos horizontes á arte impelindo-a para fecundos rumos de idealizações inéditas.

Isto surgia ametódicamente, ás vezes concretização das aspirações dum povo ou duma época; ás vezes penetração vivificante de elementos novos.

na arte; ás vezes simples fumisteria duns quantos frequentadores de café aguentando-se em meia dúzia de livros e morrendo.

Ora, entre nós, projecta-se a refundição intelectual dum povo em 9 capítulos e 14 artigos, sem que ao menos se esboce uma vaga idéa, um simples ponto de vista que nos revele o cunho duma tendência. Em que princípio filosófico se apoia então êste movimento? Começa por lhe faltar carácter inovador, por lhe faltar originalidade, pois é uma renascença, quer dizer um ressurgimento, o que presuppõe portanto um retorno a velhos métodos e a processos antiquados. Admite-se a Renascença do século XV depois do longo crepúsculo medieval. Mas na nossa época, em plena maturidade da civilização e do progresso, achamos paradoxal uma renascença. Ainda se fosse uma antecipação! Mas o que é que esta gente quer fazer renascer? O quinhentismo? A tradição camoneana? Ou estamos em frente duma tentativa de *modernismo* literário?

De vez em quando surgem, em todos os países, destas absurdas tentativas de remontar á tradição clássica, de ir beber a inspiração na fonte dos primitivos, como se a psicologia fosse a mesma de século para século e nós pudéssemos hoje reproduzir todas as sinuosidades, todas as inflexões da complicada alma moderna no instrumento rude e deficiente que é já para nós a língua dos nossos antepassados. Amar a tradição não é o mesmo que

querer revivê-la. E é mais que absurdo, é profanação ir desenterrar as velhas idéas mumificadas na poeira dos arquivos e dos tombos e trazê-las para a vida moderna, onde, não encontrando já correspondência mental, cáem novamente mortas mas desta vez pelo ridículo do contraste e do anacronismo.

O pensamento segue uma evolução natural e ao longo dela vão ficando os sedimentos das idéas, que são a reconstituição da história da humanidade como as camadas geológicas reconstituem a história da terra. Cada período histórico é resultante de certo ambiente ideológico, como cada período da geologia é resultante duma certa climatologia. Assim, pretender modificar o meio social, manejando idéas gastas, como fazem os tradicionalistas-nacionalistas, seria o mesmo que pretender variar o clima pondo á vista o jurássico ou o cambriano.

Segundo depreendo, porém, duma polémica na imprensa, não é o regresso ao passado que êles pretendem, não é a ressurreição das velhas fórmulas o seu móbil. Eles professam uma religião, a religião do passado; praticam um culto, o culto da saudade. O seu lêma é o *saudosismo*: a filosofia da saudade.

Conhecíamos o romantismo, o realismo, o parnasianismo, o simbolismo, o decadentismo, o humanismo, o classicismo, o naturismo, o integralismo, o sintetismo, o impulsionismo, etc. Ficamos conhecendo agora o saudosismo. Como é, porém, que pretendendo provocar um renascimento — que im-

plica sempre um certo movimento, embora retrógrado — vão adotar um sentimento mórbido e depressivo, em absoluta oposição com a vida e com a ação, pois que a saudade, por maiores torturas a que sujeitem a hermeneutica, é o enervamento, é a imobilidade, é o faquirismo? Além disso advogam a maior cultura do povo português, são portanto patriotas, e coincidindo a sua tendência com o advento dum regime que pretende engrandecer e fortalecer a nação, em que medida colaboram êles neste programa com a sua renúncia e o seu desprendimento? E como é que Jaime Cortezão e Leonardo Coimbra (Raul Proença saiu já) com o temperamento creador que os caracteriza, podem agir dentro desta filosofia da inércia que é o saudosismo?

*

* *

Uma coisa esquecem os ridículos paladinos da saudade: é que hoje a arte tem de ser fatalmente o reflexo da vida moderna, das suas tendências e das suas aspirações. Esquecem que não é uma renascença que é necessario fazer, mas uma revolução. Não que nós, partidários da violência, neguêmos sentimento á arte. Reconhecemos que êle é mesmo a sua condição. Mas sentimento não é pieguice, não é dissolvência, como espiritualismo não é misticismo, nem ascetismo, nem religiosismo. Queremos clareza para termos beleza. Queremos que

a arte seja não um passatempo para matar ociosidades, mas uma fonte de rejuvenescimento moral, uma gloriosa expansão da vida como o divino Guyau a entendia, e que ela seja também — que o é já, peze embora aos lunáticos da Renascença — um instrumento de reivindicação social, aticando essa chama de revolta que arde em baixo nas camadas proletarianas e ameaça atingir os altos cumes da sociedade. Que ela perde em beleza, replicam. Oh! a beleza simples do trabalho, e a beleza épica deste formidável assalto do mundo novo contra a sociedade que êle pretende conquistar para a destruir e arrazar! Que fecunda fonte d'inspiração para um espírito! Pensamos com Blanguerson que «a poesia social tem o seu fundamento na moral. O dever do poeta é engrandecer com seus cantos a alma de seus irmãos. Uma consciência profunda dos deveres sociais tal é a condição da poesia a um tempo pessoal e social.»

Como é differente a nossa arte de violentos e revolucionários! Por um lado a ância de verdade e de justiça, a aspiração duma vida melhor, para os que são tudo na vida, para os pequenos, para os humildes. Por outro lado, a paixão do belo, um culto pagão e idólatra pela natureza máter fremente d'amor e de vida, idealizando a beleza em tudo, palpitando enternecidamente na empolgante harmonia que emana do seio das cousas.

Esta identificação da bondade e da beleza tal é a nossa aspiração. Com ardor — mesmo com ódio!

— investigamos os preconceitos sociais que cavam a desunião entre os homens; com paixão e enternecimento ezalçamos os pequenos e os humildes, afeiçoamo-los, blocos rudes, ao sopro da nossa crença, insuflamos-lhes o nosso entusiasmo, repassamo-los através da idealidade vaga da arte para que os corações que por êles passem não se interessem apenas, mas se comovam sobretudo, para que achan-do-os belos os venham a amar.

Que profunda emoção se sente em viver a vida oculta dos seres, em auscultar o coração das cousas, em sondar em toda a parte o frémido vital que percorre a natureza até ao esplendor mudo dos astros no inquietante mistério d'esses minúsculos mundos d'ouro, vivos e ardentes, na solidão absorvente das noites!

Esta concção da arte vae d'encontro a moldes e praxes convencionais? Qu'importa, se o ideal do poeta é justo e reflecte a razão e o direito? É campo estéril para a arte? Vêde essa terra que é uma charneca inculta onde o mato cresce irriçado com toda a sua hostilidade brava erguida para nós. Arroteemos esse campo, cultivêmo-lo, lancêmos-lhe a boa semente, e das asperezas rudes brotarão as verduras tenras, a gracilidade fragil dos ramos, as ternuras cativantes das flôres, as atraentes doçuras dos frutos. Oh! a bela sementeira de que a arte é capaz!

É na criação, é na vida, e portanto no amor que nós assentamos o princípio fecundo da arte. E é

sentindo-o bem intenso e dominador, como a obscura e oculta raiz que domina a planta toda inteira, que o ser cria a vida e a beleza, que a inspiração transfigura os herois e os poetas, que o génio despede os seus relâmpagos audaciosos!

Pois bem, uma arte assim inspirada nesta amplificação, nesta extensão do amor—porque o amor é movimento e é ação—tal a nossa concção não tão transcendente como a das *águias* da Renascença, sabemos, ou elles não fossem super-homens e nós desqualificada e desprezível .. *sub-gente*. — *Manuel Ribeiro*.

Da *Capital*:

Poeira da Arcada

Do inquérito literário aberto na *República*, começam a brotar polémicas e rixas, atrevimentos e insolências que são signal evidente de que, a não renascer Camões ou o Super, temos aí pela certa a exacta encarnação da Padeira de Aljubarrota. Os poetas mordem-se com gana! Julio Brandão e Teixeira de Pascoais teem obrigação de terminar a murro seco o belo jogo de insulto em que agora estão empenhados.

Assim, provarão que são dois homens que sabem afrontar-se e desferrar-se. E varrida a sua testada com valentia portuguesa, nós, os da galeria, iremos ler as suas respectivas *Saudades*, para saber quem é melhor atleta... em verso.

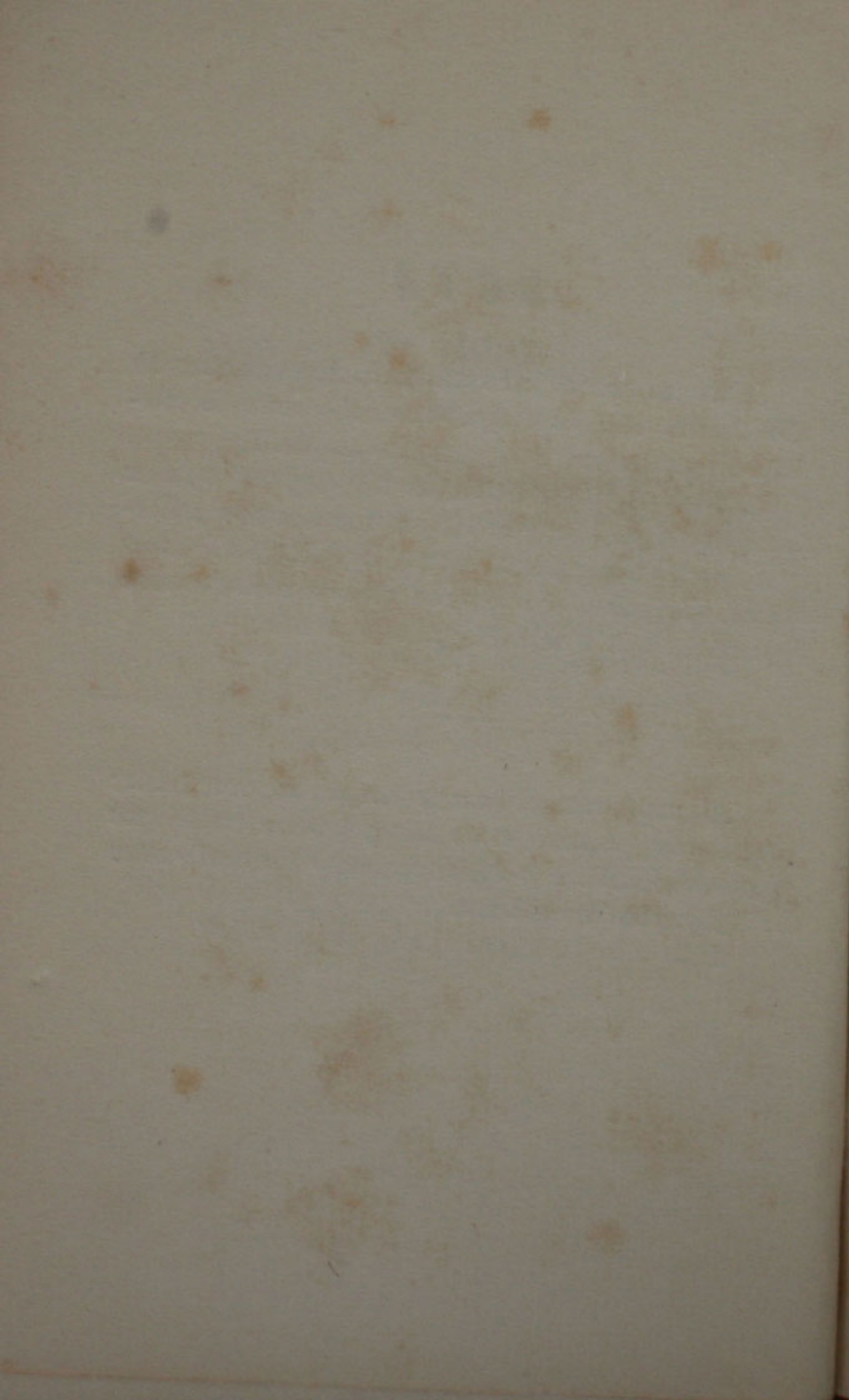
NOTA

Este inquérito foi realizado nas colunas do brilhante diário República, durante os meses de setembro a dezembro de 1912.

Além dos comentários da imprensa, deu origem à publicação de vários livros e folhetos, como Rompendo fogo, de Garcia Pulido (edit. Coimbra); e outros que os autores nos anunciaram e não chegámos a vêr.

Alguns erros leva a edição agora feita; mas tão poucos e de tão pequeno vulto que nem dificultam o entendimento do texto nem desfiguram as ideias.

Não são precisas, pois, as erratas.



INDICE

I PARTE

	Pag.
Sinfonia de abertura	5
<u>Depoimentos dos senhores :</u>	
Dr. Julio de Matos: <i>não acredita que atravessemos um periodo de renascimento literário</i>	13
Lopes de Mendonça: <i>diz não existir uma forte corrente literária, por falta do indispensavel estímulo, que são os leitores</i>	21
Dr. Teixeira de Pascoais: <i>diz que a poesia religiosa da Raça é o primeiro sinal do seu renascimento</i>	28
Dr. Augusto de Castro: <i>contesta que nós tenhamos, presentemente, uma litteratura</i>	33
Gomes Leal: <i>diz que de Antero, de Junqueiro e principalmente d'ele procederá uma verdadeira renascença, impregnada de misticismo</i>	42
João Grave: <i>diz que as renascenças, em arte, não dependem da vontade dos homens: apparecem espontaneamente.</i>	54
Gonçalves Viana: <i>diz não existir renascimento literário, a não ser na poesia, e, esse mesmo, incompletamente esboçado</i>	59
Dr. Adolfo Coelho: <i>diz que não temos direito a saudar a autora de um verdadeiro renascimento literário</i>	75
Dr. Veiga Simões: <i>diz que a nova geração aspira a tornar-se expressão de sentimento pátrio</i>	87
Julio Brandão: <i>diz não vêr correntes literárias que não se tenham há muito observado</i>	94

